

**blimunda82**

• • •  
**ma**

**ma**

• • **trocar**

**ma**  
**línguas**

# *Editorial*

*VER E OUVIR O ESPETÁCULO  
DO MUNDO NO CINEMA*

# *Leituras*

SARA FIGUEIREDO COSTA

# *Estante*

ANDREIA BRITES E  
SARA FIGUEIREDO COSTA

# *JIDI MAJIA*

SARA FIGUEIREDO COSTA

# *A casa da Andrea*

ANDREA ZAMORANO

# *A SE- MANA DA LEI- TURA*

ANDREIA BRITES

# *And the winner is...*

ANDREIA BRITES

# *Espelho meu*

ANDREIA BRITES

# *Atenção, obra-prima*

ROBERTO POMPEU  
DE TOLEDO

# *Doce e amargo Saramago*

NATAN BARRETO

# *AGENDA*

# *Epígrafe*

JOSÉ SARAMAGO

**blimunda n.º 82 março 2019**

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org) – [www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação  
José Saramago  
The José Saramago  
Foundation  
Casa dos Bicos

# Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

Como chegar Getting here

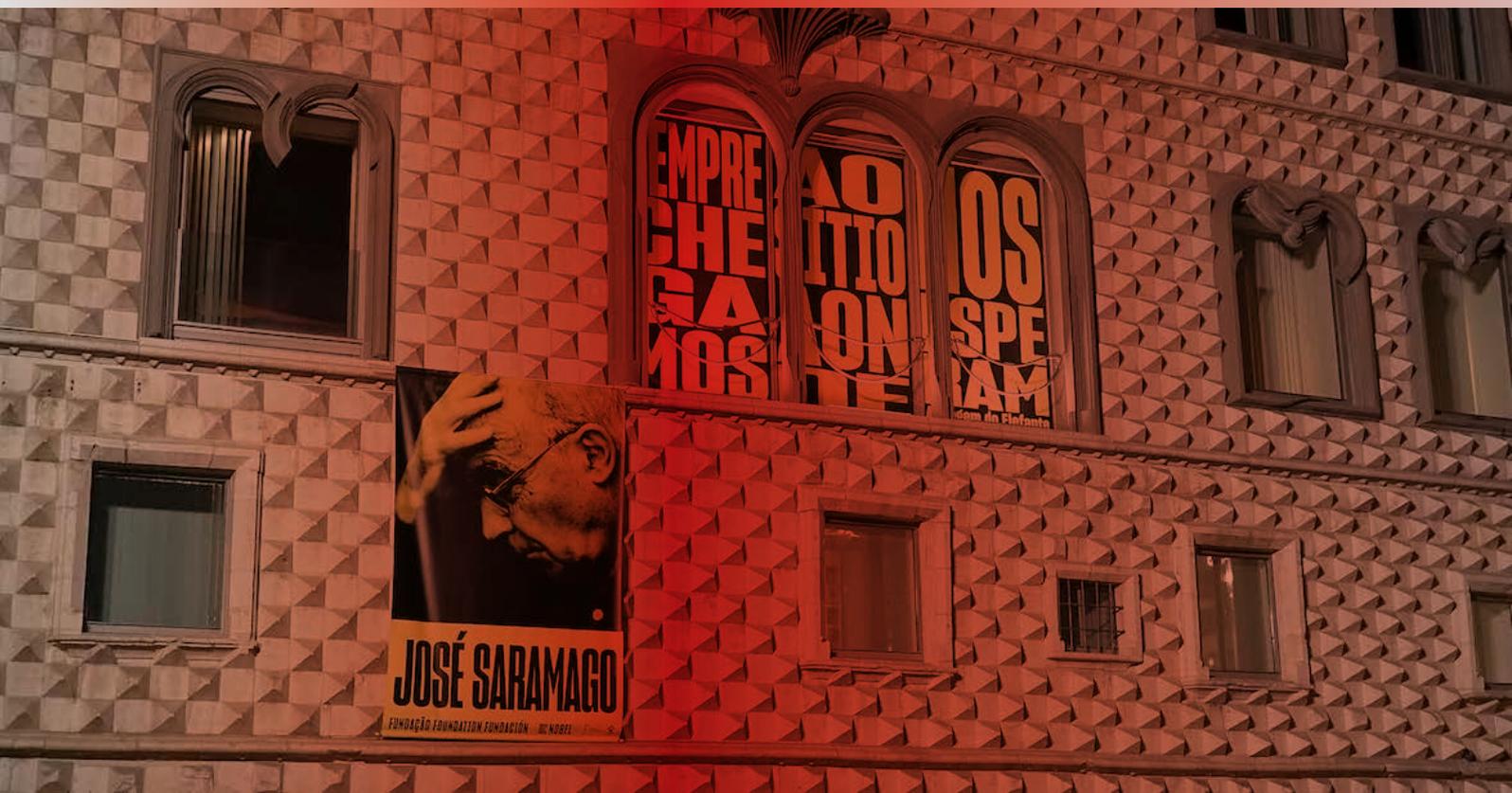
Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

# Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



# EDITORIAL

## VER E OUVIR

### O ESPETÁCULO DO MUNDO NO CINEMA

José Saramago costumava dizer que escreveu *O Ano da Morte de Ricardo Reis* por não estar de acordo com uma frase do heterónimo de Fernando Pessoa. «Da obra magnífica de Ricardo Reis impressionava-me sobretudo um verso que diz “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”. Quer dizer, deste formidável poeta, que tanto me atraía, indignava-me esta espécie de indolência, esta filosofia de vida tão complacente que se me afigurava monstruosa», conta o escritor no ensaio *Da Estátua à Pedra*. Em 1984, para «demonstrar» que o espetáculo do mundo era terrível, José Saramago publicou o romance que coloca Ricardo Reis a caminhar por Lisboa e a dialogar com o fantasma de Pessoa enquanto o mundo se encontra à beira do início da Segunda Guerra Mundial e assiste ao início da Guerra Civil de Espanha.

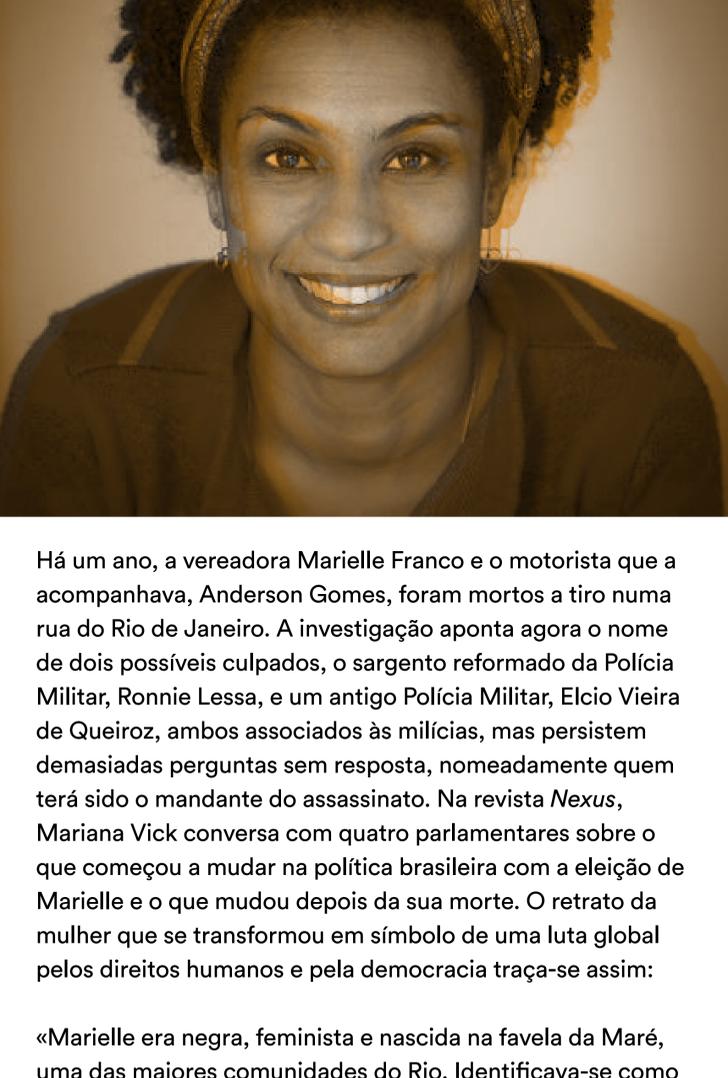
Agora, passados 35 anos de José Saramago ter dado vida (e morte) a um heterónimo pessoano, o realizador João Botelho dar-lhe-á voz e movimento.

Depois de trabalhar dois clássicos da literatura portuguesa, *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, e *Os Maias*, de Eça de Queiroz, o realizador português enfrenta o desafio de filmar o romance de José Saramago. Neste mês de março teve início a rodagem de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, que contará com o ator brasileiro Chico Díaz no papel de Ricardo Reis, Luís Lima Barreto como Fernando Pessoa, Catarina Wallenstein como Lídia, Victoria Guerra como Marcenda, para além de Adriano Luz e João Barbosa. A previsão é a de que o filme fique pronto no final deste ano, momento em que poderemos assistir à leitura que João Botelho faz de um livro que tem como personagens um ano, uma cidade, um poeta, um fantasma, uma criada de hotel, uma jovem com um braço morto, um marinheiro comunista. Enfim, o espetáculo do mundo.

## LEITURAS

**Continuar a perguntar****'quem matou Marielle?'**

**Marielle foi negra, pobre, favelada, lésbica — essa é a população que mais morre no Brasil. Isso é muito simbólico. Marielle está no "rol dos matáveis".**



Há um ano, a vereadora Marielle Franco e o motorista que a acompanhava, Anderson Gomes, foram mortos a tiro numa rua do Rio de Janeiro. A investigação aponta agora o nome de dois possíveis culpados, o sargento reformado da Polícia Militar, Ronnie Lessa, e um antigo Polícia Militar, Elcio Vieira de Queiroz, ambos associados às milícias, mas persistem demasiadas perguntas sem resposta, nomeadamente quem terá sido o mandante do assassinato. Na revista *Nexus*, Mariana Vick conversa com quatro parlamentares sobre o que começou a mudar na política brasileira com a eleição de Marielle e o que mudou depois da sua morte. O retrato da mulher que se transformou em símbolo de uma luta global pelos direitos humanos e pela democracia traça-se assim:

«Marielle era negra, feminista e nascida na favela da Maré, uma das maiores comunidades do Rio. Identificava-se como bissexual e era associada também à identidade lésbica — era casada com Mônica Benício, com quem viveu por um ano e três meses antes de sua morte. Representava assim a ascensão de minorias sociais na política institucional, majoritariamente ocupada por homens brancos de alta renda. Representava também renovação no modo de fazer política, com propostas ligadas à sua comunidade e à defesa dos direitos humanos.» As quatro parlamentares entrevistadas reflectem sobre a sociedade brasileira e os seus problemas estruturais, nomeadamente o racismo e a clivagem entre classes, questões agora agigantadas pela eleição de Jair Bolsonaro como presidente. Para lá de quem mandou assassinar Marielle Franco, a deputada estadual do PSOL Renata Souza explica os motivos que a tornavam, como a tantos brasileiros e brasileiras, um alvo:

«Tenho dito que a morte de Marielle foi um feminicídio político. Ela foi assassinada por sua condição de mulher na política, a partir do momento em que seu trabalho incomodou o status quo e os podres poderes aqui no Rio de Janeiro. Essa sua condição fez com que esse feminicídio político fosse praticado sem que tivesse havido uma ameaça concreta contra a vida dela. Marielle não sofreu ameaça. É importante que a gente reflita sobre isso. Marielle foi negra, pobre, favelada, lésbica — essa é a população que mais morre no Brasil. Isso é muito simbólico. Marielle está no "rol dos matáveis".» ▶

**Sexualidade e direitos humanos**

**"Essa mania que começamos a envelhecer e deixamos de ter sexo é muito atrasada. Não há que ter vergonha. Não há que ter vergonha do que sabe bem. É preciso é saber ter cuidado.**

Uma reportagem de Ricardo J. Rodrigues, no Diário de Notícias, acompanha o trabalho do GAT - Grupo de Ativistas em Tratamentos — uma ONG ligada à prevenção e tratamento do VIH — num bairro em Santa Marta de Corroios, na margem sul do Tejo, e capta o quotidiano da comunidade a pelo olhar das mulheres que a integram. «Mamã ri-se dos que nunca entram nos bairros e vaticinam sentença: "Há muita gente que acha que nós aqui no gueto não trabalhamos, que vivemos de subsídios. Ai é? Quantos portugueses aceitavam meio turno de madrugada e outro meio ao fim do dia, a ganhar o que eu ganho? Lá em São Tomé dizemos que a vida é leve-leve, mas aqui é luta-luta.» Revelando as histórias de vida de várias mulheres, a reportagem testemunha uma sessão que cruza festa, comida e prevenção, onde se fala de sexualidade, doenças, direitos e onde uma mulher se destaca pelo modo como afirma a sua voz: «As outras Mamãs olham-na com admiração, sim, Alda é uma mulher independente e enfrenta quem lhe faça frente, homem ou mulher. E quando ouve a conversa à sua volta, fala para quem quiser ouvir:

"Essa mania que começamos a envelhecer e deixamos de ter sexo é muito atrasada. Não há que ter vergonha", diz agora alto e bom som. "Não há que ter vergonha do que sabe bem. É preciso é saber ter cuidado." Outras mulheres anuem, e isso dá-lhe força para continuar. "Se a minha mãe fosse viva, se a minha avó fosse viva, se calhar continuavam a ter desejo. E isso tem mal?" Alguns homens afastam-se do furacão. "Estamos a ficar velhas, somos todas avós", diz pegando na mão de Mamã Gabi, "mas não estamos mortas." Mais tarde, haverá de dizer que, sempre que vai ao centro de saúde, pede preservativos e gel lubrificante. "Uma vez uma enfermeira novinha perguntou-me se era para os meus filhos, e eu respondi. 'Também é, mas quê, não pode ser para mim?' Há muito preconceito com o sexo quando chegamos a uma certa idade."» ▶ ▶

**Fronteiras e ficções**

**Llevamos dos mil años de historia imaginaria. No existe el pasado. No existen las naciones. No existen las leyes. No existe la libertad. Nos queman las palabras. Sólo existen el sol y la luna.**

No *El País*, um texto do escritor espanhol Manuel Vilas (que publicou recentemente em Portugal o livro *Em Tudo Havia Beleza*, pela Alfaguara) sobre as ficções globais que nos alimentam os dias. Dois excertos:

«Si pudiera, derrumbaría todas las fronteras. Y lo haría no por afán libertario ni por sentirme ciudadano del mundo. Lo haría porque las ficciones me causan terror. Pues también es una ficción decir que uno es ciudadano del mundo, una ficción que se dice para corregir otra ficción, la que procede de afirmar "yo soy español", o "yo soy francés", o "yo soy ruso".»  
«Soy capaz de no decir ni una palabra en español si la persona que tengo delante no lo habla. Es por respeto. Porque también las lenguas son imaginarias. Podríamos volver a la mudez como un acto de delicadeza. Si usted no habla mi lengua, enmudezco por delicadeza universal. Con mirarnos a los ojos será suficiente. Llevamos dos mil años de historia imaginaria. No existe el pasado. No existen las naciones. No existen las leyes. No existe la libertad. Nos queman las palabras. Sólo existen el sol y la luna.» ▶

**Greve feminista**

**Trabalhamos 58 dias sem receber, porque os nossos salários são mais baixos do que os dos homens quase 16%. Somos o maior contingente de pessoas a ganhar o salário mínimo**



A propósito da greve feminista convocada internacionalmente para o passado dia 8 de Março, um texto de Andreia Peniche, activista de A Coletiva, sobre o processo e os objectivos desta mobilização e a necessidade de se discutir o feminismo enquanto mudança global na sociedade.

«A Greve Feminista não é uma greve como as outras, é uma greve social, que coloca no centro a realidade da vida das mulheres, para perceber o significado do conceito "trabalho" — que é diferente de emprego — na vida concreta. Se as greves tradicionais deixam de fora uma parte significativa da experiência das mulheres, a Greve Feminista transcende esse sentido tradicional, estendendo-se também ao âmbito da reprodução social, aos trabalhos invisibilizados dos cuidados e domésticos. É uma greve que se organiza em quatro eixos fundamentais: greve ao trabalho assalariado, greve ao trabalho doméstico e dos cuidados, greve ao consumo e greve estudantil.

A convocatória da greve resulta num enorme processo de mobilização e debate social. É uma proposta para responder às urgências criadas pela desigualdade e uma proposta de mudança social profunda, que fala de outro modo de vida, de outras relações entre homens e mulheres, de um mundo sustentável social e ecologicamente, e por isso dispara, necessariamente, sobre o sistema capitalista e patriarcal.»

«Continuamos a enfrentar tribunais nos quais juízes preconceituosos e machistas nos responsabilizam pelas violências que sofremos, invocam a Bíblia e o adultério, a "sedução mútua" e censuram as nossas escolhas de vida para desculparem os agressores. Trabalhamos 58 dias sem receber, porque os nossos salários — para trabalho igual ou equivalente — são mais baixos do que os dos homens quase 16%. Somos o maior contingente de pessoas a ganhar o salário mínimo e o maior número das beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e do Complemento Solidário para Idosos. Somos o rosto da pobreza e assim continuaremos se nada for feito.» ▶

ANDREIA  
BRITES

SARA FIGUEIREDO  
COSTA



**OS ANIMAIS**  
KOBAYASHI ISSA  
ASSÍRIO & ALVIM

Um dos quatro grandes cultores de haikai, o poeta japonês Kobayashi Issa surge aqui numa colectânea temática que, de entre os seus mais de vinte mil poemas, selecciona aqueles que têm os animais como tema: «dentro do nevoeiro/ três pinheiros e dois grous/ marido e mulher».

**A MULHER QUE CORREU**

**ATRÁS DO VENTO**  
JOÃO TORDO  
COMPANHIA DAS LETRAS



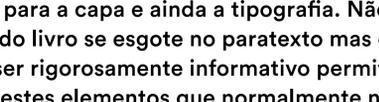
Cruzando diferentes tempos e lugares, o novo romance de João Tordo tem o amor e o vazio da perda no centro da narrativa, confirmando o poder das relações perante a adversidade das circunstâncias que nos vão moldando os dias.

**MONSTROS FANTÁSTICOS:**

**OS CRIMES DE GRINDELWALD**  
J. K. ROWLING  
PRESENÇA



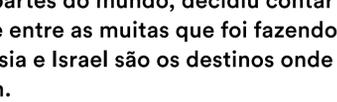
Há três elementos a referir: a tipologia, o prefácio e a nota sobre o design do livro. Em comum têm o facto de serem originais nos livros juvenis. Trata-se de um argumento cinematográfico com indicações sobre locais, personagens e formas de filmar. O prefácio cabe ao realizador que justifica o que apreciou no argumento, por outras palavras o que o fez querer realizar o filme. Finalmente, a nota sobre o design acrescenta informações sobre as escolhas estéticas para a capa e ainda a tipografia. Não é que a validade do livro se esgote no paratexto mas o facto deste existir e ser rigorosamente informativo permite ao leitor valorizar estes elementos que normalmente não leva em consideração.



**CINCO TRAVESSIAS DO**

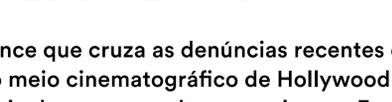
**INFERNO**  
MARTHA GELLHORN  
TINTA DA CHINA

Os livros de viagens costumam relatar episódios felizes, mas a repórter Martha Gellhorn, viajante experiente e em várias partes do mundo, decidiu contar as suas piores viagens, de entre as muitas que foi fazendo. China, Caribe, África, Rússia e Israel são os destinos onde nem tudo correu bem.



**CAMBIAR DE IDEA**  
AIXA DE LA CRUZ  
CABALLO DE TROYA

Um romance que cruza as denúncias recentes de assédio sexual no meio cinematográfico de Hollywood com a experiência de uma narradora que vive em Espanha, longe dos casos referidos, mas que se coloca no centro de um debate onde o discurso feminista se discute seriamente e onde o percurso pela experiência e pela memória assume um lugar de destaque.



**SE EU FOSSE MUITO ALTO**  
ANTÓNIO MOTA  
RUI CASTRO  
ASA

Duas décadas depois da sua primeira edição, a Asa reedita este álbum que marcou a pequena coleção de António Mota, Se eu fosse.... A data é duplamente redonda já que este ano o autor completa 40 de escrita e publicação. Com ilustrações de Rui Castro o texto anafórico elenca uma série de possibilidades que cumprem desejos mais ou menos inusitados, alguns cómicos, outros poéticos. É um olhar sobre o mundo que ultrapassa o desejo de crescer que as crianças acalentam e nos coloca a nós, leitores de qualquer idade, muito rente ao chão a sonhar com o poder das alturas.



**ELEGIA DO IRMÃO**  
JOÃO ANZANELLO  
CARRASCOZA  
COMPANHIA DAS LETRAS

Uma das vozes mais singulares da nova literatura brasileira assina neste livro uma narrativa que parte do luto, concretamente pela perda de uma irmã, para discorrer sobre as relações de afecto e intimidade que vamos construindo e que são a argamassa fundamental que nos define, entre memórias, fantasias e o impacto constante com a realidade.



**UMA HISTÓRIA**  
MARIANNA COPPO  
KALANDRAKA

A carta urgente que a capa apresenta tarda em chegar. E as personagens esperam passivamente por ela nas páginas em branco. Mas não todas. Há quem desenhe e dê vida, página após página, à sua própria história perante a indiferença e a surpresa das outras personagens. Os detalhes da narrativa visual reforçam a ideia de liberdade de criação e no final parece que a espera foi em vão. Divertido, equilibrado na sua composição e empático com o leitor, este é um álbum de mensagem plural, tanto quanto acessível.

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set —  
10h às 13h /  
15h às 19h  
Out a Mar —  
10h às 13h /  
15h às 18h

# NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10  
ANOS  
YEARS  
ANOS



Fundação  
José Saramago



# AMIGO DE SARAMAGO SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)



Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa  
Tel. (+ 351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

assine o  
**suplemento pernambuco**

*anual* — R\$ 60  
*bianual* — R\$ 100





CASA JOSÉ  
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

**trocar línguas:**

# Jidi Majia

**SARA FIGUEIREDO COSTA**

É um dos nomes maiores da poesia chinesa contemporânea. Jidi Majia nasceu em 1961, na província de Sichuan, pertencendo a uma das muitas minorias étnicas da China, os Yi. Começando a publicar muito cedo, sobretudo em revistas literárias, ganha reconhecimento nacional em 1986 com o volume *Canção do Primeiro Amor*, que vence o Prémio Nacional de Poesia. Seguiram-se traduções para várias línguas e uma série de prémios internacionais, entre eles o HOMER – The European Medal of Poetry and Art, atribuído em 2016.

A sua poesia não estava ainda traduzida em português, algo que se corrigiu recentemente com a edição de um volume intitulado *Palavras de Fogo*, com chancela da Rosa de Porcelana, editora de Macau. E foi em Macau, no festival literário Rota das Letras, que Jidi Majia apresentou aos leitores este livro, que tem a particularidade de ter sido traduzido por José Luís Peixoto. Não é a primeira vez que o autor português traduz alguma obra alheia, mas é a primeira vez que o faz de uma língua de partida que não conhece. Numa sessão do Rota das Letras que juntou José Luís Peixoto, Jidi Majia, Huo Junming crítico literário chinês, e Yao Feng, poeta e professor da Universidade de Macau, discutiu-se a tradução como hipótese de comunicação mútua e os obstáculos que se enfrentam num processo com as características deste.

**—É COMO LEVAR  
UMA TAÇA CHEIA  
DE ÁGUA DESDE  
A CHINA ATÉ  
PORTUGAL;  
SABEMOS QUE SE  
VAI ENTORNAR  
ALGUMA ÁGUA  
PELO CAMINHO,  
MAS TAMBÉM  
HÁ-DE CHOVER  
ALGUMAS VEZES.**



«Quando surgiu a oportunidade de fazer esta edição, senti que era um trabalho que tinha que ver com o que acho que é central na tradução», disse José Luís Peixoto a propósito deste livro. «Não leio mandarim e comecei por ler estes textos em inglês. Tentei chegar ao original através das edições em inglês, francês, castelhano e galego e depois a minha versão foi confrontada com o original e foram apontados vários mal-entendidos, que corrigi. A tradução é sempre um processo muito delicado e temos de entendê-lo com alguma atenção às suas imprecisões. É como levar uma taça cheia de água desde a China até Portugal; sabemos que se vai entornar alguma água pelo caminho, mas também há-de chover algumas vezes, aqui e ali, e isso vai interferir. Acho que este é o nosso compromisso de encontro enquanto seres humanos.» Jidi Majia gostou do resultado, como disse durante a conversa com o público, mesmo não sabendo português. Parecerá estranho que dois autores que não partilham qualquer idioma comum se entendam deste modo, mas não é a primeira vez que se traduz poesia por interpostas línguas. Editores mais rigorosos nas transposições idiomáticas preferirão uma tradução direta do original, mas esse gesto nem sempre é possível e o facto de assim se alcançar uma ponte entre leitores de origens tão diversas parece ser o que mais interessa o poeta: «A poesia é uma forma muito antiga de literatura, que nos acompanha há muito tempo. Talvez seja a forma de arte que nos entra no cérebro e no coração mais directamente, conseguindo alojar-se lá. A linguagem é importante. O mundo está complicado... O mais importante é trocarmos culturas, para aliviarmos as diferenças, trocarmos estilos de vida, línguas, encontrarmos um espaço comum.»

Na poesia de Jidi Majia reconhecem-se muitos temas ligados à sua matriz cultural, aquela que integra a etnia Yi e onde se destacam modos particulares de entender o tempo – com um calendário particular, diferente do calendário lunar chinês ou do ocidental – e uma língua própria, capaz de remeter directamente para vários elementos da cultura tradicional. Apesar disso, os poemas do autor são também povoados por referências universais, como explicou José Luís Peixoto, «até com referências concretas a outras geografias, como África, América Latina ou Europa. É isso que mais me toca, essa dimensão simultaneamente local e universal.» Talvez seja essa característica a permitir que os poemas naveguem tão livremente entre idiomas e que Jidi Majia assumia esta edição em português sem qualquer receio de os seus versos se terem perdido entre tantos transbordos linguísticos. O resultado é um conjunto de poemas que se lê sem falhas de ritmo ou estranhezas lexicais. Por vezes, uma nota de rodapé ajuda a esclarecer o significado de algum vocábulo muito particular, mas o que sobressai é uma poesia que se percebe longínqua no que por vezes descreve, mas que se recebe de perto, reconhecendo-se a sonoridade universal de uma prosódia capaz de cruzar fronteiras.

*fotografia*

*Eduardo Martins/ The Script Road Literary Festival*



Agora o Sócio Gerador  
vem com o cartão para  
a cultura portuguesa.

+ experiências  
+ descontos  
+ assinatura  
Revista Gerador

Sabe tudo em  
[gerador.eu/cartao-socio-gerador](http://gerador.eu/cartao-socio-gerador)

# A DESBRASILIZAÇÃO DO BRASIL

Andrea Zamorano

## Sempre

pairou na sociedade brasileira um certo complexo de inferioridade, quem sabe um vestígio colonial não resolvido, uma imprescindibilidade de acreditar que o que vem de um mundo considerado superior ao nosso é melhor. O mundo a que me estou a referir é os Estados Unidos e logo a seguir a Europa.

Seria aceitável admirarmos e almejarmos os avanços tecnológicos e civilizacionais de outras comunidades. Não há problema nisso. O busílis da questão ou, para imprimir mais brasilidade a este texto, o carroço desse angu é o fato de para enaltecermos sociedades que estão noutros níveis de desenvolvimento humano, desmerecermos o Brasil.

Esse complexo de inferioridade leva-nos a sentir vergonha de assumir o que somos em relação ao que gostaríamos muito de ser. Ao mesmo tempo, existe uma utopia delirante nacionalista de que estaríamos talhados para ocupar uma posição de liderança mas, por vicissitudes várias, ainda não somos o que de fato merecemos ser. É quase um sentimento imperialista frustrado resultando em um outro complexo, o de superioridade.

Como é amplamente sabido, os Estados Unidos ao longo dos séculos XX e XXI desenvolveram e implementaram políticas para se tornarem o país mais importante das Américas e do Mundo. Podemos discordar dos métodos porém os objetivos foram indubitavelmente alcançados. O Brasil parece ambicionar o mesmo sonho mas como os Estados Unidos já ocupam essa posição, aspiramos então ao segundo lugar pelo menos nas Américas.

E nunca isso foi tão evidente quanto nessa vergonhosa visita de estado em que o presidente americano deve estar a pensar que foi um prazer negociar conosco. Sem contrapartidas, vou repetir para não restarem dúvidas, sem contrapartidas o Brasil comprometeu a produção de trigo, posto que abriu o mercado aos americanos; pôs em risco a produção de suínos ao permitir a importação de animais quando os Estados Unidos têm várias doenças no setor ao passo que o Brasil não tem problemas sanitários. Como não bastasse, o chefe máximo da nação cedeu a base de lançamento de mísseis no Maranhão, no nordeste, e disponibilizou as forças militares brasileiras em caso de confronto com a Venezuela, tudo isso isentando da exigência de visto para a entrada de americanos em território nacional. Ufa!

E para quê? Para o Brasil receber o apoio da América para frequentar o clube dos ricos, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). Ali passeiam-se Angela Merkel, Theresa May (por enquanto), Macron, os líderes dos países nórdicos, do Japão e da Coreia do Sul, entre outros. Apenas trinta e seis países são membros desse grupo selecto. Nada de “gentinha” como na OCM (Organização Mundial do Comércio) onde está praticamente o mundo inteiro e o Brasil se beneficia por ser considerado uma nação em desenvolvimento o que lhe garante vantagens em acordos comerciais.

Contudo, continuamos pobres, temos desigualdades sociais quase tão profundas quanto a nossa dimensão continental, a violência está disseminada nas grandes cidades, somos uma sociedade racista, há um rol de problemas intermináveis e nem estou a considerar o próprio presidente na listagem. Esse é o país que o presidente não quer; creio que os seus concidadãos também não. Mas é o que há.



## O Brasil é o

Brasil e não um pastiche de outro país qualquer. A nossa força reside na criatividade, no trabalho duro das nossas gentes, na persistência, na generosidade e na alegria entranhada na nossa cultura, no nosso povo. Oswald de Andrade disse que “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”. Nós somos a Mangueira, o carnaval de rua, Marielle e Jean Wylis, também somos os bombeiros de Brumadinho, Leiliane, Silmara Moraes e os heróis anónimos que todos os dias se levantam antes que o sol os encontre na cama.

A negação do que é a identidade nacional brasileira e o desejo de nos tornarmos um país de primeiro mundo – expressão cara ao presidente em desuso desde o fim da Guerra Fria – nos afasta daquela que é a nossa verdadeira natureza, nos desbrasiliza. Tornamo-nos irreconhecíveis sobretudo porque ficamos profundamente cafonas.

Não sei se é possível definir o que somos porém por certo seremos capazes de dizer o que não somos. Não somos um povo que se cala quando vê o seu presidente zombar da auto-estima de uma nação inteira ao se curvar perante outro estado por iniciativa própria. Não somos um povo que aceita que os seus cidadãos sejam usados como moeda de troca para angariar simpatia e favorecimentos políticos no estrangeiro. Não aceitamos ser insultados por um filhinho mimado de um presidente. E, especialmente, não somos uma monarquia.

Termino com uma reflexão do Prof. Eduardo Lourenço: “É verdade que os valores de «pátria», «patriotismo», «sentimento nacional» pelo seu teor afectivo, de cariz irracional, não costumam ser reivindicados pela Esquerda. É um erro funesto. Nenhuma Revolução triunfou com argumentos meramente ideológicos. Só a conjugação do interesse nacional e do interesse social assegurou o sucesso das Revoluções...”

# A sema- na da leitu- ra

**Março é mês de primavera, da árvore, do teatro e da poesia. Temas caros à arte e à literatura. É também em março que, durante uma semana, as escolas se trajam mais ou menos a rigor para comemorar a leitura.**

**ANDREIA BRITES**

## *A filha pródiga do Plano Nacional de Leitura*

A semana da leitura foi criada pelo Plano Nacional de Leitura em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e leva mais de uma década de existência. Nasceu do imperativo de valorizar a leitura junto do público escolar no ano letivo 2006-2007 e a sua realização nunca foi interrompida ao longo dos últimos 13 anos. De acordo com os dados disponíveis nos relatórios anuais do PNL, o número de entidades inscritas na Semana da Leitura tem-se situado, desde o primeiro ano, entre as 500 e as 1.000. Quanto ao número de atividades realizadas, ultrapassam as 5.000, envolvendo cerca de 300.000 alunos. Dado o envolvimento dos professores bibliotecários e o constante apoio dos seus coordenadores interconcelhios, a Semana da Leitura ganhou relevância na maioria das escolas que a começaram desde cedo a integrar no seu Plano Anual de Atividades. A data para a sua realização é sugerida pelo PNL mas é dada a cada instituição e a cada município a liberdade para ajustar a semana de acordo com o que melhor de adequa à sua comunidade. No Concelho de Mafra, por exemplo, fica a cargo de cada escola a escolha das datas, para que as atividades não se sobreponham. Como as professoras bibliotecárias trabalham em estreita relação com a equipa da rede de Bibliotecas Municipais, estabelecem-se iniciativas de promoção da leitura organizadas pela Biblioteca Municipal que assim pode responder a todas as escolas sem que haja sobreposição de datas e horários.



Cartaz elaborado pelos alunos do Curso Técnico de Multimédia para a Semana da Leitura - Agrupamento de Escolas de Santa Maria da Feira

«Para a SL é habitualmente criado um cartaz próprio, amplamente usado ou reinterpretado pelos intervenientes na decoração dos espaços escolares e públicos onde decorrem as atividades, bem como na sua divulgação. Igualmente o PNL abre previamente uma inscrição no seu Sistema de Informação (SIPNL), pedindo depois às escolas e outras entidades registadas que enviem materiais ou ligações que deem testemunho das atividades desenvolvidas. Há, no entanto, muitas escolas e bibliotecas que, apesar de participarem na SL, não se registam ou não dão feedback das suas atividades.», explica à *Blimunda* Elsa Conde, sub-comissária do Plano.

Neste novo ciclo de dez anos a página web do PNL2027 partilha várias sugestões de atividades e acrescenta novas dinâmicas às que se realizam fisicamente nas escolas e bibliotecas do continente e ilhas. A motivação desta nova equipa, que foi assumida e reiterada em entrevistas e apresentações desde a sua constituição, é a de expandir a promoção da leitura para fora da escola abrangendo outros públicos, nomeadamente o adulto, que tem um papel determinante na formação do leitor inicial. Também, sustentando este principal objetivo, relacionar a leitura com o mundo, proporcionar o diálogo com artes, tecnologia e ciência é uma prioridade. "Em 2017, com o início da segunda etapa de desenvolvimento do PNL (PNL2027), tem sido objetivo da nova equipa abrir ainda mais à sociedade civil a celebração da SL, através da elaboração de um programa próprio, com o envolvimento de espaços e valências das áreas artísticas, científicas, humanísticas e tecnológicas e com a criação de um sítio Web com testemunhos, recursos, materiais gráficos, sugestões e divulgação de atividades." acrescenta Elsa Conde.

Atentando nos Programas da Semana da Leitura de 2018 e de 2019 confirma-se no terreno a estratégia defendida pela equipa: um workshop com Urban Sketchers no Jardim Botânico da Ajuda, uma sessão com o investigador Rui Agostinho, do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço no Observatório Astronómico de Lisboa e ainda leituras no Metropolitano de Lisboa. Ainda houve encontros com designers, investigadores, autores de banda-desenhada em alguns agrupamentos de escolas promovidos diretamente pelo PNL. Nesta edição houve caligrafia chinesa, o 4º Encontro Literatura e Ciência e uma conversa no Museu do Oriente especificamente para o público adulto. A acrescer aos espaços físicos surgiu o concurso #estoualer, realizado no Instagram. Também na página WEB do PNL constam diversos testemunhos leitores, entre os quais se destacam o de elementos das equipas que promovem leitura (professoras, professoras bibliotecárias, a coordenadora da RBE, a comissária do PNL, mediadoras, livreiras, jornalistas, investigadoras) a quem se juntam um atleta e o secretário de estado da Educação. O sentido democrático da leitura assinala-se neste programa com a iniciativa 10 minutos a ler na escola e na biblioteca. Valoriza-se a autonomia da leitura e de dar a ler.



## ***Frenesim da escola à rua***

Muito antes da data marcada, professores bibliotecários andam numa roda-viva para viabilizar o seu próprio rol de propostas. Dependendo da dinâmica dos agrupamentos, tudo pode acontecer. Há quem aproveite a ocasião para comemorar o Dia da Poesia, do Teatro, a chegada da primavera, o Dia da Árvore... tudo depende das datas. Assim, podem matar-se dois coelhos de uma cajadada. Há quem aproveite para integrar o mais possível conteúdos curriculares, criando mostras, exposições de dramatizações (nomeadamente na disciplina de português) de obras obrigatórias. Depois há o inverso: a Semana da Leitura não é pretexto, é telhado. Tudo se acolhe em relação com livros e leitura, tudo se lê, da imagem ao quotidiano, da palavra ao corpo. Há escolas em que a maioria do corpo docente privilegia uma visão determinista da leitura e do ensino, manifestando uma grande inflexibilidade em transformar os seus tempos letivos em experiências relacionadas com a leitura, quer para os seus alunos, quer para si. Noutros estabelecimentos de ensino os vários grupos disciplinares interagem, promovendo ações comuns e interdisciplinares que apresentam justamente na Semana da Leitura. Por exemplo, na Escola Secundária de Caneças os alunos de Física do 12º escrevem resenhas a livros científicos que o professor bibliotecário coloca online no blogue da Biblioteca durante as Semanas da Leitura, há vários anos. No agrupamento de Escolas de Manhente realizou-se uma maratona de leitura que contou com a participação de uma maratona de todos os ciclos e das respetivas turmas. Segundo a página do facebook das Bibliotecas escolares do agrupamento, foi a primeira vez que se realizou a maratona e a leitura não foi interrompida entre as 9.00 e as 16.00. Já na página do facebook do Município de Braga podem ver-se as fotografias referentes à Marcha da Leitura Braga a Ler+ que culminou no Coreto da Avenida Central onde alguns alunos liam poesia para colegas e comunidade.

Os exemplos multiplicam-se em blogues, sites, redes sociais, plataformas de alojamento de vídeo e apresentações. A dimensão da Semana da Leitura começa a extravasar os muros das escolas, depois de, em muitas delas, ter ultrapassado as paredes das salas de aula. Há sinais claros de que esta é uma comemoração incontornável, aceite por grande maioria das instituições escolares e apoiada pelas Bibliotecas Municipais com programas próprios ou complementares. Todavia, é preciso pensá-la em continuidade, renová-la, avaliá-la, transmutá-la. Para que não cristalize. Essa é uma das mensagens de quem deu à Blimunda o seu testemunho sobre a Semana da Leitura.

## ***Maria José Vitorino***

**MEDADORA DE LEITURA**

### ***Desde 2006 a marcar calendário nas escolas***

É professora de formação, entre muitas outras atividades e artes que o seu curriculum também comporta. Quando nasceu o Plano Nacional de Leitura, estava destacada na Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo onde apoiava projetos e equipas de bibliotecas escolares, sob orientação da RBE. Em 2009 é convidada para ser coordenadora interconcelhia das Bibliotecas Escolares na área da grande Lisboa. Rescinde com o Ministério da Educação em 2014 para se dedicar à promoção da leitura através da Associação que cria com Miguel Horta, a Laredo através da qual realiza projetos diversos, nomeadamente em territórios de risco e com grupos de pessoas com deficiência.

Em 2006, dois anos após a criação do Plano Nacional de Leitura por Resolução do Conselho de Ministros, formalizou-se a Semana da Leitura, a celebrar anualmente por todo o País, com iniciativas diversas, abrangendo o maior leque possível de leitores e não leitores – estes últimos encarados como potenciais leitores. Este ano, o PNL2027 promove de 11 a 15 de março um programa com o lema da Semana da Leitura 2019 - “Hoje leitor, amanhã leitor!”, e divulga atividades, envolvendo escolas, bibliotecas, universidades, livrarias, e outras entidades<sup>2</sup>. No entanto, e de modo fiel às orientações da Semana, não é raro encontrarmos «Semanas da Leitura» noutras datas, por conveniência dos planos de atividades das escolas e bibliotecas nelas empenhadas. O âmbito nacional da Semana da Leitura, e a sua presença em quase todas as escolas, é evidente e confirmado por estudos publicados em 2011<sup>3</sup> e 2014<sup>4</sup>. Os meninos e as meninas que em 2006 estavam a entrar no jardim de infância chegaram em 2019 à idade da cidadania plena: podem votar, pela primeira vez, neste ano. E podem ser eleitos, salvo para o posto de Presidente da República – esse, só depois de 2036... Para cada um e cada uma destas pessoas, a Semana da Leitura faz parte do calendário, como uma rotina escolar. Em alguns casos, sai para fora dos muros da escola, mas sempre com uma dimensão fortemente associada aos estudantes do ensino não superior, aos livros, à literatura. Inclui atividades de formação, cursos, apresentações, tertúlias, debates. Procura-se manter o carácter de celebração, da festa, da alegria de ler. Nem sempre se consegue que o prazer de ler seja nesses dias comum a cada sala de aula, a cada momento do programa. O envolvimento das famílias, de vizinhos e amigos, faz a diferença, tanto mais quanto ultrapassa os programas da «Semana da Leitura» e passa a ser presente no desenho de estratégias de mediação de leitura realizadas durante todo o ano.

No décimo quarto ano, e nos seguintes, haverá que, sem desvalorizar o que se atingiu, ousar mais. Manter a festa, mas não esquecer o trabalho continuado que realmente consolida as competências leitoras e os hábitos de leitura, multidisciplinares do ponto de vista do curriculum, indissociáveis da escrita e da criação, em todas as crianças e jovens. Focar o olhar no leitor em crescimento, mesmo que ele não pareça visível no turbilhão de iniciativas. E manter o foco, mesmo nas idades em que se desvanece o cuidado com a aquisição de competências leitoras – não esquecer que ser leitor, saber ler, é um processo, de construção permanente. Onde está o Wally? Que leitor é, quer ser, pode ser, em que pega para ler? Na Semana da Leitura, certamente, mas, sobretudo, em todas as semanas e meses de cada ano de vida, dentro e fora das escolas e das bibliotecas.



## ***Sandra Santos***

**PROFESSORA BIBLIOTECÁRIA**

### ***Ensinar a ler todos os dias***

Sou professora de inglês há mais de duas décadas. Sou professora bibliotecária há dez anos, na Escola da Sé, uma aventura que começou há treze anos, em Manteigas. Estas duas escolas, e as pessoas que as dirigiam nessa altura, motivaram decisões importantes na minha vida, abriram-me perspetivas profissionais nunca consideradas. Agradeço-lhes por isso.

Antes, frequentava as bibliotecas para preparar as atividades letivas e corrigir testes. Agora, conheço-as por dentro, sei o que exigem e o que podem dar. Conheço-lhes as forças e os constrangimentos. Vejo-as como um laboratório de ideias, de aprendizagem, de proatividade e de encontros. Um verdadeiro núcleo pedagógico assente na ligação com o currículo e focado no bem maior que é o sucesso dos alunos. Estou certa de que para além de ajudarmos a formar bons alunos, capazes de excelentes classificações académicas, estamos a formar cidadãos capazes de ler, e mudar, o mundo. Talvez sem se aperceberem, ainda, e sem saberem que precisam de determinadas leituras e competências, a maioria dos alunos responde muito bem a desafios aparentemente desajustados do mundo de hoje – ler em voz alta, refletir sobre um livro, ler só por ler, ler para os outros, ler. Às vezes, nem eles se apercebem disso, mas algo lhes fica. E esse algo irá, um dia, quem sabe, surgir no momento certo e irá ajudá-los a crescer. Ter um aluno que bloqueia quando lê em público, mas não desiste e, no ano seguinte, tenta de novo e apura-se num concurso de leitura é uma vitória imensa. Para o aluno. E para quem o acompanha.

Trabalhar com os mesmos alunos vários anos seguidos permite observar o desenvolvimento de múltiplas literacias, a construção de um corpus literário individual e a formação do sentido estético que, nas mais inesperadas situações, nos dão a certeza de estar no caminho certo. Há uns anos, numa roda de leitura, sentei-me com um menino com algumas dificuldades no processo, pelo que se recusava a ler. Os dois fomos lendo o texto. As palavras difíceis eram ditas ao ouvido e a repetição dava segurança. Semanas mais tarde, quando teve de me apresentar a uma familiar, esse menino disse «Esta é a professora que ensina a ler.» No fundo, é isso que uma professora bibliotecária faz. Ensina a ler. E todas as atividades. Ensinamos a ler. Ao longo do ano todo e não apenas na Semana da Leitura, que vejo como um período simbólico em termos de uma maior consciência em torno desse polo agregador de dinâmicas que é a biblioteca escolar. O facto é que este tempo destinado à leitura, este momento, porventura mais visível, da partilha e da articulação entre Currículo e Biblioteca Escolar, é muito bem recebido e procurado por alunos e professores. As dinâmicas criadas, a proximidade vivida e a consciência de estarmos a trabalhar todos para o mesmo objetivo dá-nos força e alento, dilui o cansaço e o cinzento dos dias.

O que se constrói resulta da força de muitos braços, da união de muitas mãos e de um sentido de responsabilidade, e profissionalismo, nem sempre reconhecidos a nível superior. Se mostrarmos isso aos alunos, aos utilizadores das bibliotecas escolares, teremos deles tudo aquilo de que necessitamos para os ajudar a crescer. E a ser melhores alunos. E melhores pessoas. Eles merecem. Nós também.

## ***Pedro Rafael Gomes***

**COORDENADOR INTERCONCELHIO**

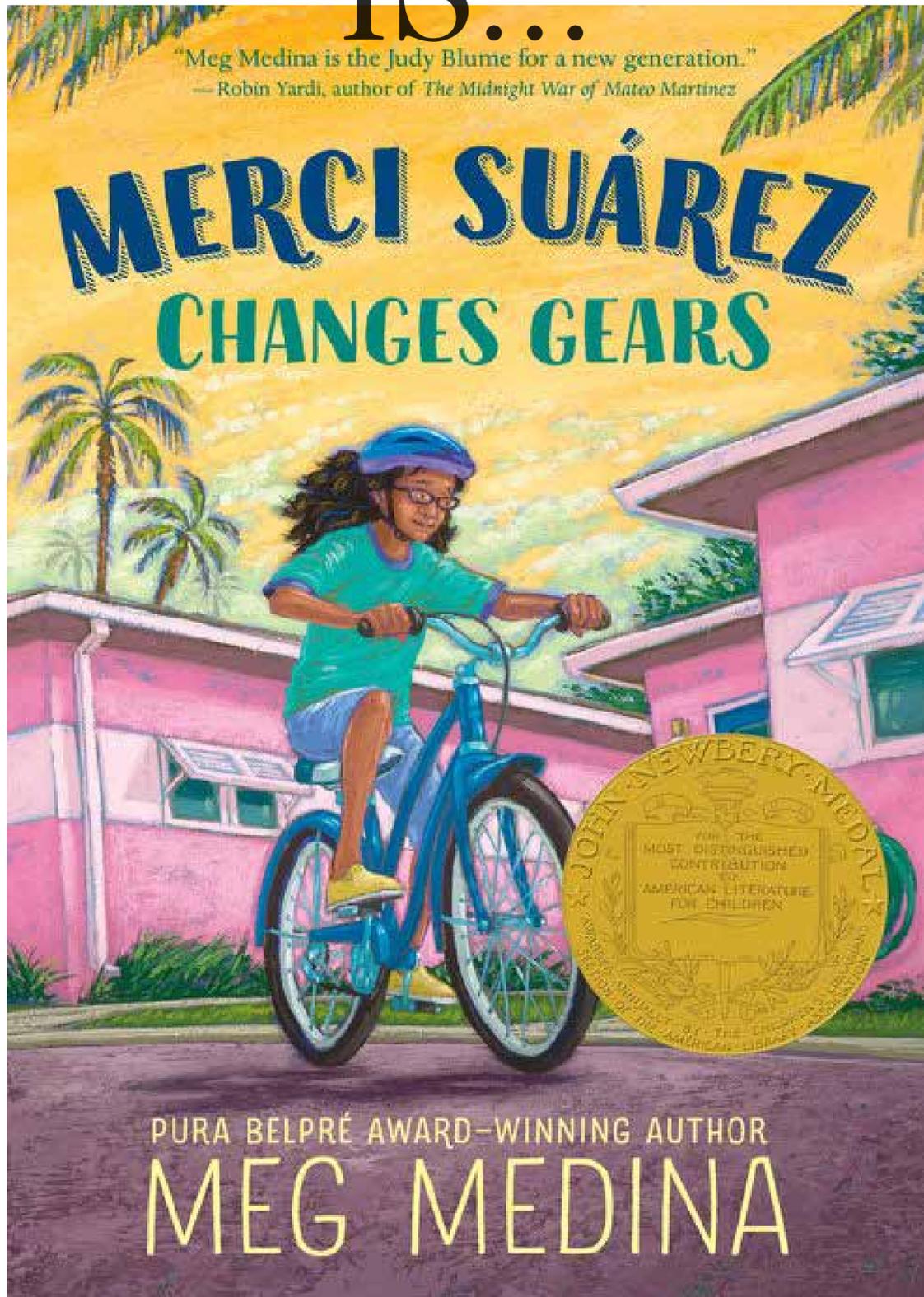
### ***Uma Semana da Leitura todo o ano***

Sou professor de Educação Visual e Tecnológica e efetivei em 2002 naquele que é hoje o Agrupamento de Escolas Gardunha e Xisto, ao qual continuo a pertencer. Logo nesse primeiro ano fiz um projeto de candidatura à Rede de Bibliotecas Escolares. Como o projeto foi aprovado fiquei como coordenador da Biblioteca, com 11 horas semanais, porque ainda não estava regulamentado o estatuto do professor bibliotecário. A pouco e pouco fui-me entusiasmando com a biblioteca e constatei que necessitava de mais formação. Foi então que fiz uma pós graduação em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares, outra em Tecnologias Educativas e ainda o Mestrado em Ciências Documentais. Entretanto tive o convite da Rede de Bibliotecas Escolares para ficar como coordenador a tempo inteiro. O convite resultava de um ensaio para o que viria a ser o estatuto do Professor Bibliotecário e eu integrei esse grupo inicial de sete professores. O resultado foi suficiente para que no ano seguinte se alargasse a experiência a cem professores, no outro a quinhentos. Finalmente saiu a legislação e tornámo-nos todos professores bibliotecários. Em 2015 recebi novo convite da RBE, desta vez para me tornar coordenador interconcelhio para o território da Beira Interior e Beira Alta. Enquanto professor bibliotecário vi nascer o PNL e com ele a Semana da Leitura que foi uma das iniciativas que mais abracei. Lançava o lema proposto pelo PNL a cada ano aos professores e às escolas e depois, todos juntos, planificávamos um conjunto de ações que variavam, podiam ser mais restritas ao espaço escolar ou envolver a comunidade em locais públicos.

Defendo que a Semana da Leitura não deve ser mais do mesmo, não existe para estarmos todos em festa, ou todos a ler, ou recebermos um autor. A Semana da Leitura deve fundamentalmente mostrar à comunidade os projetos que a escola tem estado a desenvolver nesse caminho desde o início do ano letivo. E deve também dar o mote para envolver a comunidade. Recordo-me de experiências fantásticas de envolvimento de muita gente da comunidade. Houve serões culturais com grande participação das famílias, outras que iam às escolas ler e sobretudo contar histórias, as suas histórias de vida... Creio que devíamos transformar o ano letivo numa Semana da Leitura, o ano da Leitura. Isso seria o ideal sobretudo se os professores sentissem que a dinâmica que têm durante essa semana, deviam tê-la durante o ano inteiro. Não é a Festa em si mas a construção do conteúdo. Se o aluno vai fazer uma leitura ou uma dramatização, precisa de tempo para se preparar e isso é o que mais vale. Portanto não o podemos considerar nunca uma perda de tempo. Às vezes ainda oiço professores dizerem «Agora vem aí a Semana da Leitura, não podemos fazer mais nada!» Isso é completamente errado logo porque a leitura deve ser encarada de forma transversal, envolvida e relacionada com qualquer conteúdo. A leitura existe em todos os conteúdos e disciplinas. Se a considerarmos e reconhecermos como útil e necessária em todos os momentos, ela cabe em qualquer altura. Se assim for, a Semana da Leitura pode culminar num momento mais explosivo e de partilha com a comunidade, o momento de maior visibilidade. Mas a leitura, propriamente, tem de acontecer em permanência e durante todo o ano.

Um fenómeno que é interessante verificar é que há muitos municípios a abraçarem o conceito da Semana da Leitura através das suas Bibliotecas Municipais, e que propõem às próprias escolas dinâmicas mais alargadas graças aos recursos de que dispõem e que são obviamente maiores que os das escolas. Esta participação dos Municípios pode alargar o sucesso das práticas de leitura e dar-lhes ainda mais visibilidade mas isso só faz sentido se houver uma efetiva parceria com as escolas. As escolas não podem, em reação às propostas dos municípios, assumirem um mero papel de consumidoras das atividades apresentadas. Ao contrário, são as escolas quem melhor conhece as necessidades da sua comunidade e por isso deve partir de si esse diagnóstico e as ações têm de ser pensadas de forma concertada. Se ambas as entidades se encontrarem num casamento perfeito, temos muito bons resultados. Nesta nova fase do PNL, o alargamento a outros públicos parece-me essencial, nomeadamente para que se chegue às famílias. Uma família tem de estar ganha para o projeto da leitura. E sou da opinião de que seria muito interessante existir um Projeto de Leitura Familiar. Encontram-se famílias que queiram abraçar esse projeto!

# AND THE WINNER IS...



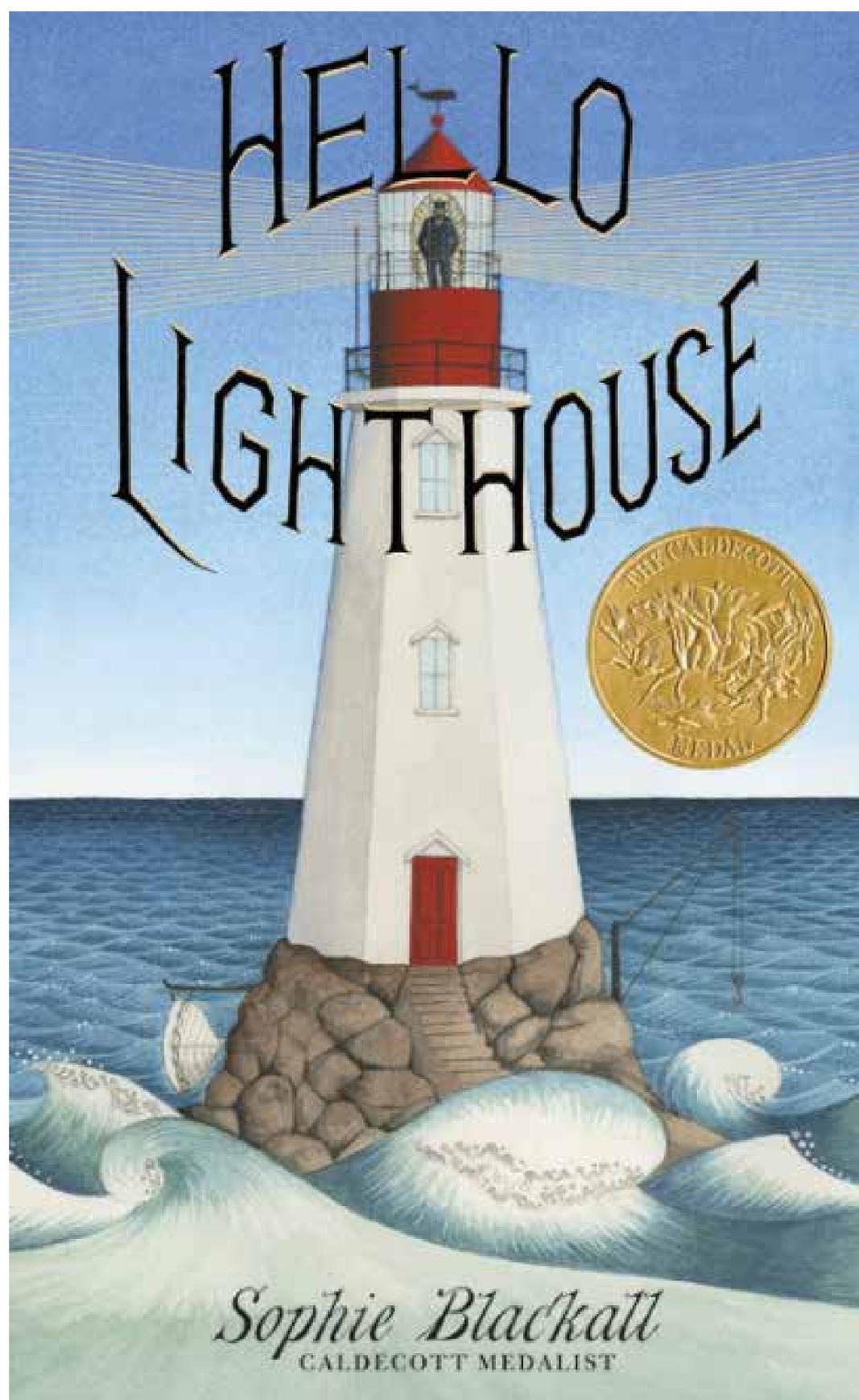
A American Library Association anuncia anualmente os Youth Media Award Winners no seu encontro anual. De entre eles os mais reconhecidos são o **Newberry Medal** e o **Caldecott Medal**, os mais antigos atribuídos à literatura infantojuvenil nos E.U.A. No entanto, a Associação das Bibliotecas Americanas tem vindo a estender o número de distinções, tentando alcançar uma representatividade cada vez mais ampla. Assim, há prémios para o melhor texto e a melhor ilustração de autor afro-americano e de autor latino-americano. Ainda se distinguem temáticas como a da comunidade LGBTQI, a da deficiência, a cultura da Ásia-Pacífico e a cultura judaica. Há prémios para ficção e não ficção, para adolescentes e jovens adultos. A lista está disponível no site da ALA.

John Newberry Medal (texto)

***Merci Suárez Changes Gears***, Meg Medina, Candlewick Press.

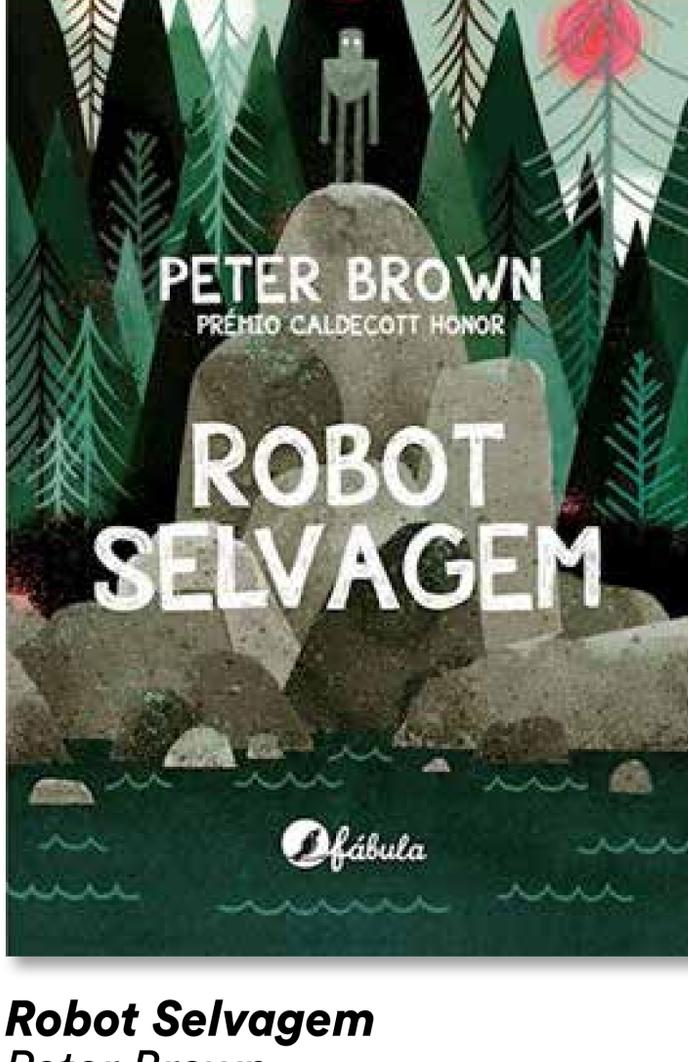
Randolph Caldecott Medal (ilustração)

***Hello Lighthouse***, Sophie Blackall, Little, Brown and Company, a division of Hachette Book Group, Inc.



# ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



## **Robot Selvagem**

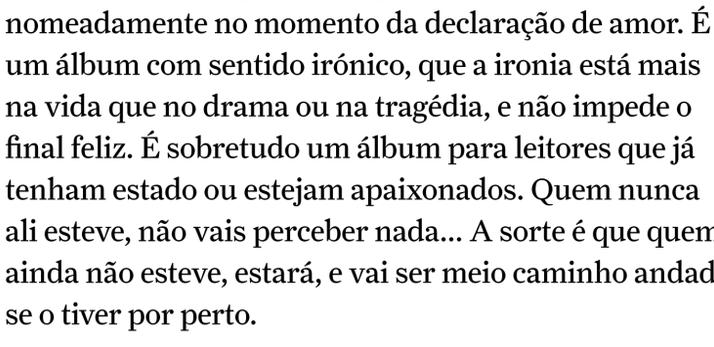
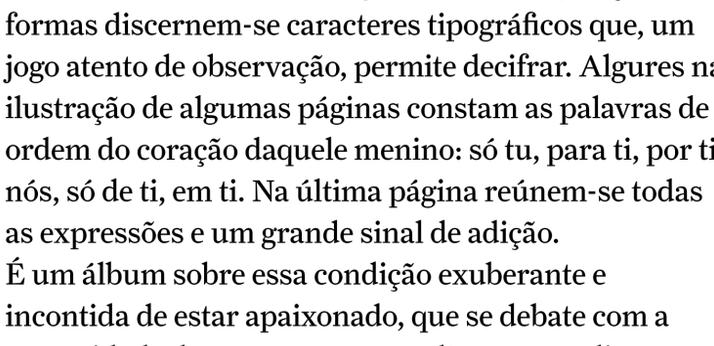
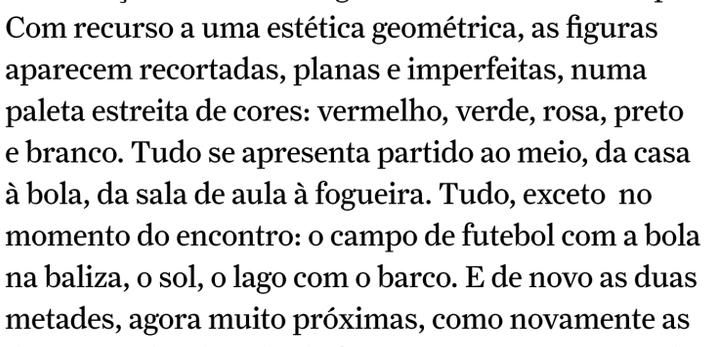
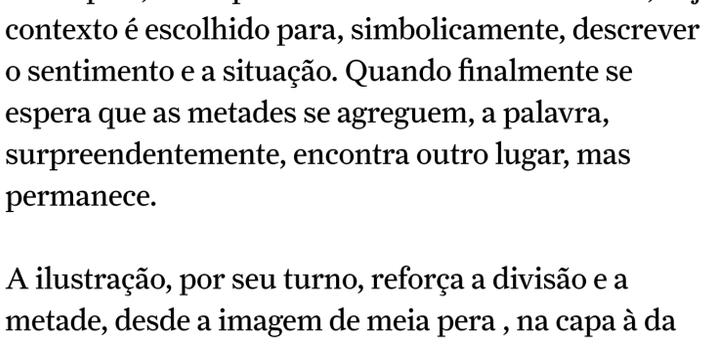
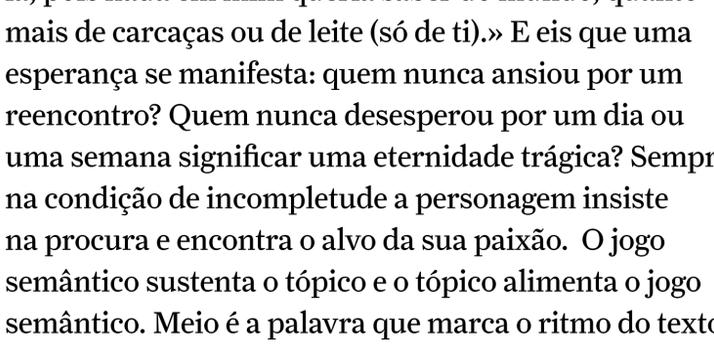
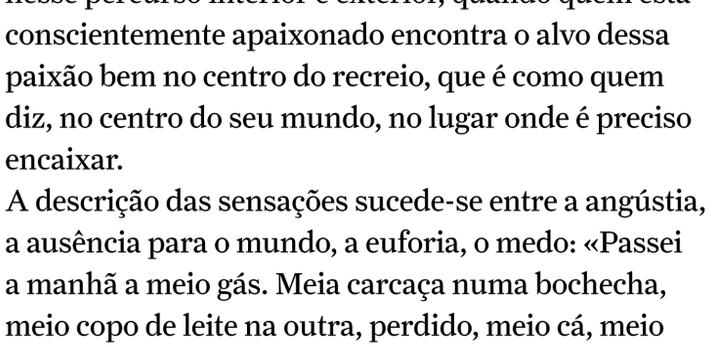
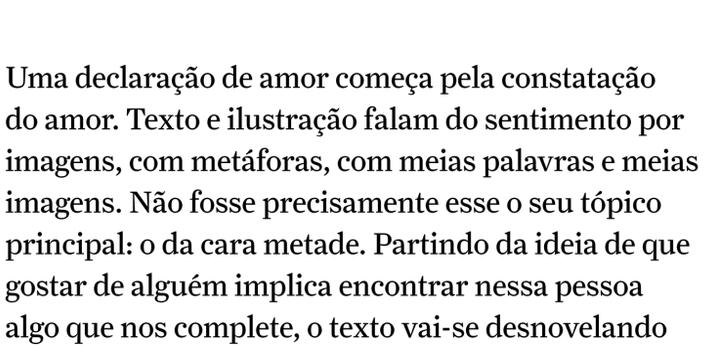
*Peter Brown*

*Fábula*

**2018**

Peter Brown é conhecido pelo público pelos álbuns ilustrados. Todos escritos e ilustrados por si, denotam uma segurança no uso contido da palavra e dos recursos que promovem o diálogo entre o discurso escrito e o visual. Vinhetas que pautam a sequência da ação e a passagem do tempo, circularidade que evidencia a mudança e uma qualquer epifania que revoluciona um comportamento. Perante isto, o que se pode esperar de uma narrativa longa, em que o autor volta a assinar texto e ilustrações? Agora, estas não dialogam de igual para igual com a palavra, apresentam-se esparsas e sem pré-aviso em metades de página, nas margens, no topo ou no fundo. Seja como for, quando aparecem ganham destaque e dão ênfase ao pormenor que representam. Peter Brown parece dominar igualmente fôlegos e formatos distintos.

Na sua linha temática, em que reflete sobre a existência e o respeito pelos ecossistemas naturais e a sua relação com o humano, sobre a identidade e a relação com o outro, o autor explora o percurso de adaptação e aprendizagem de uma robot do género feminino que sobrevive a um naufrágio e sai da caixa numa ilha selvagem. A sua programação permite-lhe aprender com a observação dos outros mas a sua existência não contempla estados de espírito, sentido de humor ou sensações como a de sono, frio, calor ou fome. O leitor segue Roz, a robot, na sua gradual aproximação aos animais que numa primeira fase a rejeitam e a temem e depois a aceitam e respeitam. Sem saber o valor de certos gestos, Roz é generosa e dedicada, tornando-se num elemento importante da comunidade. Sem nunca expressar comentários morais sobre o comportamento da robot o narrador encadeia acontecimentos e esclarece o leitor, passo a passo, sobre o que vai mudando no interior daquele ser originalmente mecânico e artificial. É a humanização possível através da vontade de estar com o outro? Será que se aprende? A maternidade não biológica pode ser o segredo, e sê-lo-á de várias formas. A mensagem não oferece grandes dúvidas e é transmitida em doses moderadas e capítulos curtos, com a ação sempre em progressão. O texto flui e a inocência sabe bem. Todavia, prestai atenção: no subsolo dessa inocência há raízes de sentido enleadas e bem mais profundas.



## **Metade, metade**

*Isabel Minhós Martins*

*Madalena Matoso*

*Planeta Tangerina*

Uma declaração de amor começa pela constatação do amor. Texto e ilustração falam do sentimento por imagens, com metáforas, com meias palavras e meias imagens. Não fosse precisamente esse o seu tópico principal: o da cara metade. Partindo da ideia de que gostar de alguém implica encontrar nessa pessoa algo que nos complete, o texto vai-se desnovelando nesse percurso interior e exterior, quando quem está conscientemente apaixonado encontra o alvo dessa paixão bem no centro do recreio, que é como quem diz, no centro do seu mundo, no lugar onde é preciso encaixar.

A descrição das sensações sucede-se entre a angústia, a ausência para o mundo, a euforia, o medo: «Passei a manhã a meio gás. Meia carcaça numa bochecha, meio copo de leite na outra, perdido, meio cá, meio lá, pois nada em mim queria saber do mundo, quanto mais de carcaças ou de leite (só de ti).» E eis que uma esperança se manifesta: quem nunca ansiou por um reencontro? Quem nunca desesperou por um dia ou uma semana significar uma eternidade trágica? Sempre na condição de incompletude a personagem insiste na procura e encontra o alvo da sua paixão. O jogo semântico sustenta o tópico e o tópico alimenta o jogo semântico. Meio é a palavra que marca o ritmo do texto e se repete, em expressões diferentes e renovadas, cujo contexto é escolhido para, simbolicamente, descrever o sentimento e a situação. Quando finalmente se espera que as metades se agreguem, a palavra, surpreendentemente, encontra outro lugar, mas permanece.

A ilustração, por seu turno, reforça a divisão e a metade, desde a imagem de meia pera, na capa à da meia maçã e ao meio código de barras na contracapa. Com recurso a uma estética geométrica, as figuras aparecem recortadas, planas e imperfeitas, numa paleta estreita de cores: vermelho, verde, rosa, preto e branco. Tudo se apresenta partido ao meio, da casa à bola, da sala de aula à fogueira. Tudo, exceto no momento do encontro: o campo de futebol com a bola na baliza, o sol, o lago com o barco. E de novo as duas metades, agora muito próximas, como novamente as duas metades do sol e da fogueira. Na composição das formas discernem-se caracteres tipográficos que, um jogo atento de observação, permite decifrar. Algures na ilustração de algumas páginas constam as palavras de ordem do coração daquele menino: só tu, para ti, por ti, nós, só de ti, em ti. Na última página reúnem-se todas as expressões e um grande sinal de adição.

É um álbum sobre essa condição exuberante e incontida de estar apaixonado, que se debate com a necessidade de expressar o que ultrapassa o discurso, nomeadamente no momento da declaração de amor. É um álbum com sentido irónico, que a ironia está mais na vida que no drama ou na tragédia, e não impede o final feliz. É sobretudo um álbum para leitores que já tenham estado ou estejam apaixonados. Quem nunca ali esteve, não vais perceber nada... A sorte é que quem ainda não esteve, estará, e vai ser meio caminho andado se o tiver por perto.

# Sarama ma gu aña

**No último trimestre de 1988 foi publicado no Brasil *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, quarto livro de José Saramago editado naquele país. No dia 15 de outubro do mesmo ano, o *Jornal do Brasil*, no seu Suplemento de Livros, dedicou várias páginas ao romance do autor português. No artigo escrito por Roberto Pompeu de Toledo, a trajetória de vida do escritor se entrelaça com os pormenores do livro e da história nele contada. O jornalista brasileiro não economiza em adjetivos para classificar José Saramago, um criador de montanhas como o Everest.**

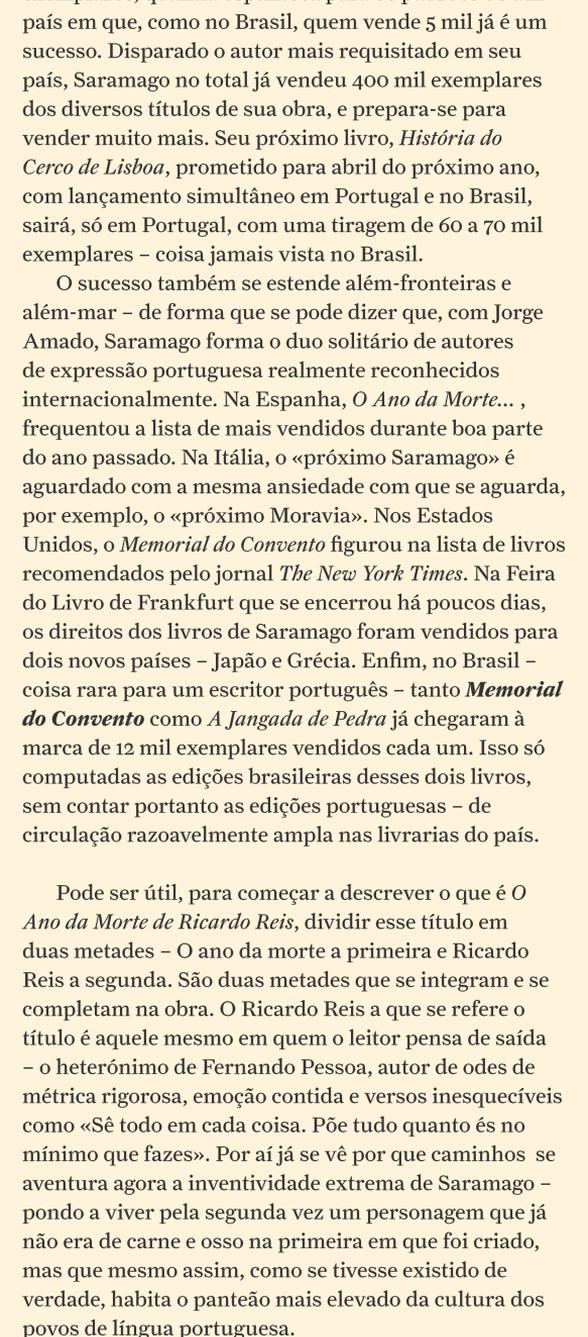
ROBERTO POMPEU  
DE TOLEDO

## ATENÇÃO, OBRA-PRIMA

Seja dito de saída, sem subterfúgios nem enganos, evitando-se os recursos do suspense ou das proteções introdutórias, e de um jeito que procura humildemente remediar a maneira de escrever do mestre de que se tratará nestas linhas, com seus longos períodos, prenes de intercalações, em que as palavras vão e vêm, partem e voltam, numa teia sinuosa que envolve como uma serpente encantada, aquece o peito, acende a inteligência e hipnotiza, tudo no andor do benfazejo ritmo que busca descer às origens do idioma, que José Saramago é a melhor coisa que acontece, hoje, na literatura em língua portuguesa. Não há nada – e aqui vai o pronome colocado de forma que procura honrar sua sintaxe lusitana – que se lhe compare.

Saramago já havia plantado um everest em meio à planície das letras vernáculas com o *Memorial do Convento*, publicado em Lisboa em 1982 e no Brasil em 1983, sólido e majestoso como o Convento de Mafra cuja construção é o seu tema. Para os brasileiros veio a seguir *Jangada de Pedra*, uma montanha talvez um pouco menos alta, mas ainda assim vistosa e altaneira, publicada aqui e lá no mesmo ano, 1986. Agora, chega ao Brasil um outro monumento deste português do Ribatejo de 65 anos e muitos caminhos antes de definitivamente acertar a mão na profissão de escritor, um livro que cativa só pelo título, e que, quando vai se ler, oferece ao leitor ainda mais do que o título promete – *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Publicado em Portugal em 1984, antes portanto da *Jangada*, *O Ano da Morte...* chega esta semana às livrarias numa edição brasileira da Companhia das Letras.

O leitor se verá diante de um everest pelo menos tão alto quanto o do *Memorial*. Mais uma vez, Saramago, feiticeiro da língua, da ficção e da História, mete tudo isso num caldeirão para dele tirar um romance desses que nem parece um lançamento recente – parece um clássico, curtido no teste dos anos e dos gostos, acima das modas e das circunstâncias. Saramago, como só acontece com os grandes escritores, é alguém que soube criar seu próprio classicismo. E – sorte pare ele, nestes tempos em que ser bom escritor não é mais sinônimo de maldição, para os candidatos a frequentar as listas dos mais vendidos – um classicismo que vende.



Em Portugal, *O Ano da Morte...* já vendeu 60 mil exemplares, quantia espantosa para os padrões de um país em que, como no Brasil, vende 5 mil já é um sucesso. Disparado o autor mais requisitado em seu país, Saramago no total já vendeu 400 mil exemplares dos diversos títulos de sua obra, e prepara-se para vender muito mais. Seu próximo livro, *História do Cerco de Lisboa*, prometido para abril do próximo ano, com lançamento simultâneo em Portugal e no Brasil, sairá, só em Portugal, com uma tiragem de 60 a 70 mil exemplares – coisa jamais vista no Brasil.

O sucesso também se estende além-fronteiras e além-mar – de forma que se pode dizer que, de Jorge Amado, Saramago forma o duo solitário de autores de expressão portuguesa realmente reconhecidos internacionalmente. Na Espanha, *O Ano da Morte...*, frequentou a lista de mais vendidos durante boa parte do ano passado. Na Itália, o «próximo Saramago» é aguardado com a mesma ansiedade com que se aguarda, por exemplo, o «próximo Moravia». Nos Estados Unidos, o *Memorial do Convento* figurou na lista de livros recomendados pelo jornal *The New York Times*. Na Feira do Livro de Frankfurt de se encerrar há poucos dias, os direitos dos livros de Saramago foram vendidos para dois novos países – Japão e Grécia. Enfim, no Brasil – coisa rara para um escritor português – tanto *Memorial do Convento* como *A Jangada de Pedra* já chegaram à marca de 12 mil exemplares vendidos cada um. Isso só computadas as edições brasileiras desses dois livros, sem contar portanto as edições portuguesas – de circulação razoavelmente ampla nas livrarias do país.

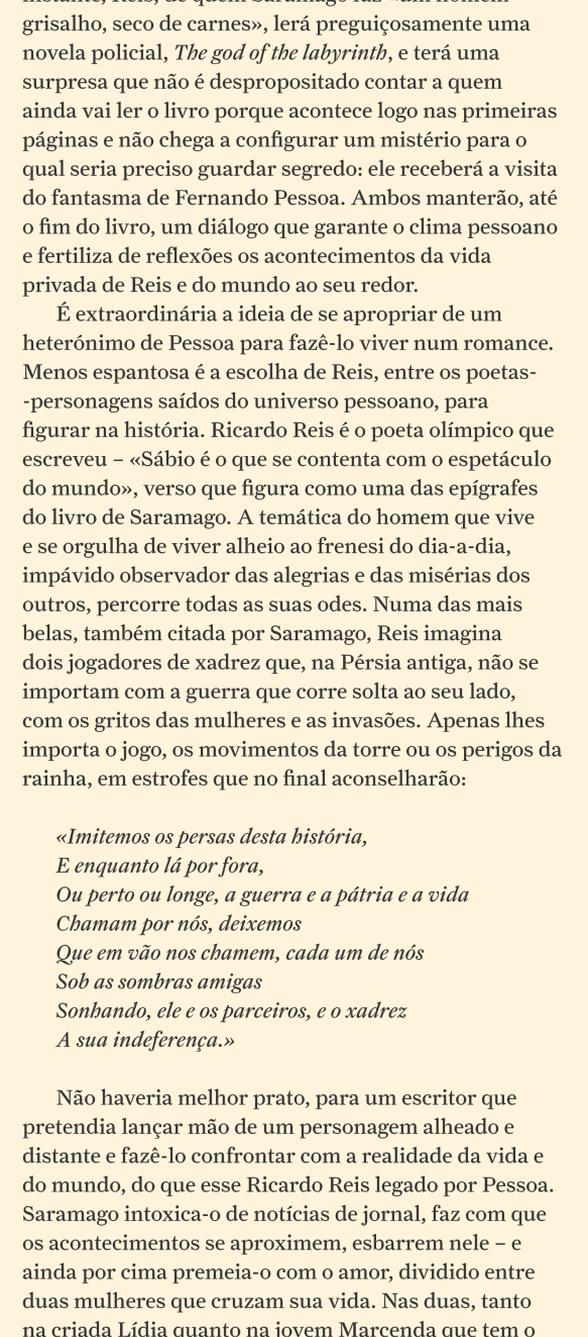
Pode ser útil, para começar a descrever o que é *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, dividir esse título em duas metades – O ano da primeira e Ricardo Reis a segunda. São duas metades que se integram e se completam na obra. O Ricardo Reis a que se refere o título é aquele mesmo em quem o leitor pensa de saída – o heterônimo de Fernando Pessoa, autor de odes de métrica rigorosa, emoção contida e versos inesquecíveis como «Sê todo em cada coisa. Põe tudo quanto és no mínimo que fazes». Por aí já se vê por que caminhos se aventura agora a inventividade extrema de Saramago – pondo a viver pela segunda vez um personagem que já não era de carne e osso na primeira em que foi criado, mas que mesmo assim, como se tivesse existido de verdade, habita o panteão mais elevado da cultura dos povos de língua portuguesa.

A outra parte do título do livro, *O ano da morte*, localiza o romance num momento preciso, nomeadamente o terrível ano de 1936, em que a ditadura salazarista se fazia vigorosamente presente em Portugal, o fascismo na Alemanha havia em contraponto a Alemanha nazista, na França equilibrava-se mais para cá do que para lá o governo de Frente Popular de Leon Blum e acontecimento mais que todos marcante, no livro como na vida real, na Espanha explodia a Guerra Civil. É um prato cheio para Saramago, uma penca de acontecimentos a partir da qual ele está mais do que bem servido para desencadear seu passatempo predileto: fazer andar a roda da História.

Todo o livro é composto de forma a mostrar como os eventos de Portugal e do mundo vão invadindo a vida do solitário e pacato Ricardo Reis, como o vão sitiando qual num cerco militar, até fazê-lo render-se a eles e sucumbir. É pretexto para que o autor recontre o ano de 1936 com seu jeito encantado, em que os diálogos são incorporados ao período, apenas introduzidos por uma vírgula, como numa ladainha – de que é exemplo este trecho, em que se fala do fim da guerra promovida pela Itália fascista contra a Etiópia: «Addis-Ababa está em chamas, as ruas cobertas de mortos, os saltadores arrombam as casas, violam, saqueiam, degolam mulheres e crianças, enquanto as tropas de Badoglio se aproximam. Mussolini anunciou, Deu-se o grande acontecimento que sela o destino da Etiópia, e o sábio Marconi preveniu, Aqueles que procurarem repelir a Itália caem na mais perigosa das loucuras, e Eden insinua, As circunstâncias aconselham o levantamento das sanções, e o *Manchester Guardian*, que é órgão governamental inglês, verifica, Há numerosas razões para serem entregues colônias à Alemanha, e Goebbels decide, A Sociedade das Nações é boa, mas as esquadrilhas de aviões são melhores.»

O ponto de partida do livro são os fiapos de biografia de Ricardo Reis deixados por Fernando Pessoa. Entre muitas outras hipóteses para Pessoa ter criado seus heterônimos, como já observou a professora portuguesa Maria Teresa Rita Lopes, pode-se adiantar a de que ele, como as crianças, gostavam de brincar com bonecos. Assim como as crianças dão nome aos bonecos, e as mais imaginosas até lhes emprestam uma história pessoal e características de personalidade, assim também o génio do grande poeta português não se limitava a criar personalidades de poetas, dar-lhes estilo e temática próprias e legar-lhes obras literárias inteiras. Pessoa também se divertia em inventar o ano em que teriam nascido Alberto Caeiro, Ricardo Reis ou Álvaro de Campos, dava-lhes uma profissão, uma personalidade e um modo de vida. No caso de Alberto Caeiro, o mais velho e mestre de todos os outros, Pessoa chegou até a eliminá-lo – datando sua morte do ano de 1915.

Sorte para Saramago que Pessoa não matou Ricardo Reis. Isso possibilitou-lhe escolher o ano da morte do autor das odes, fixado neste 1936 que é o ano seguinte ao da morte do próprio Fernando Pessoa. Outros dados a respeito de Reis, Saramago retoma-os do seu primeiro criador. «Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-o algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil», escreveu Pessoa numa carta ao crítico Adolfo Casaes Monteiro.



Com esse ponto de partida, Saramago faz com que Ricardo Reis receba um telegrama de Álvaro de Campos, dando-lhe conta da morte de Pessoa – e imediatamente decida regressar a Portugal. Ei-lo agora a bordo do Highland Brigade, navio inglês que o traz do Rio de Janeiro. É o começo do romance. Desde este instante, Reis, de quem Saramago faz «um homem grisalho, seco de carnes», lerá preguiçosamente uma novela policial, *The god of the labyrinth*, e terá uma surpresa que não é despropositado contar a quem ainda vai ler o livro porque acontece logo nas primeiras páginas e não chega a configurar um mistério para o qual seria preciso guardar segredo: ele receberá a visita do fantasma de Fernando Pessoa. Ambos manterão, até o fim do livro, um diálogo que garante o clima pessoal e fertiliza de reflexões os acontecimentos da vida privada de Reis e do mundo ao seu redor.

É extraordinária a ideia de se apropriar de um heterônimo de Pessoa para fazê-lo viver num romance. Menos espantosa é a escolha de Reis, entre os poetas-personagens saídos do universo pessoano, para figurar na história. Ricardo Reis é o poeta olímpico que escreveu – «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo», verso que figura como uma das epígrafes do livro de Saramago. A temática do homem que vive e se orgulha de viver alheio ao frenesi do dia-a-dia, impávido observador das alegrias e das misérias dos outros, percorre todas as suas odes. Numa das mais belas, também citada por Saramago, Reis imagina dois jogadores de xadrez que, na Pérsia antiga, não se importam com a guerra que corre solta ao seu lado, com os gritos das mulheres e as invasões. Apenas lhes importa o jogo, os movimentos da torre ou os perigos da rainha, em estrofes que no final aconselharão:

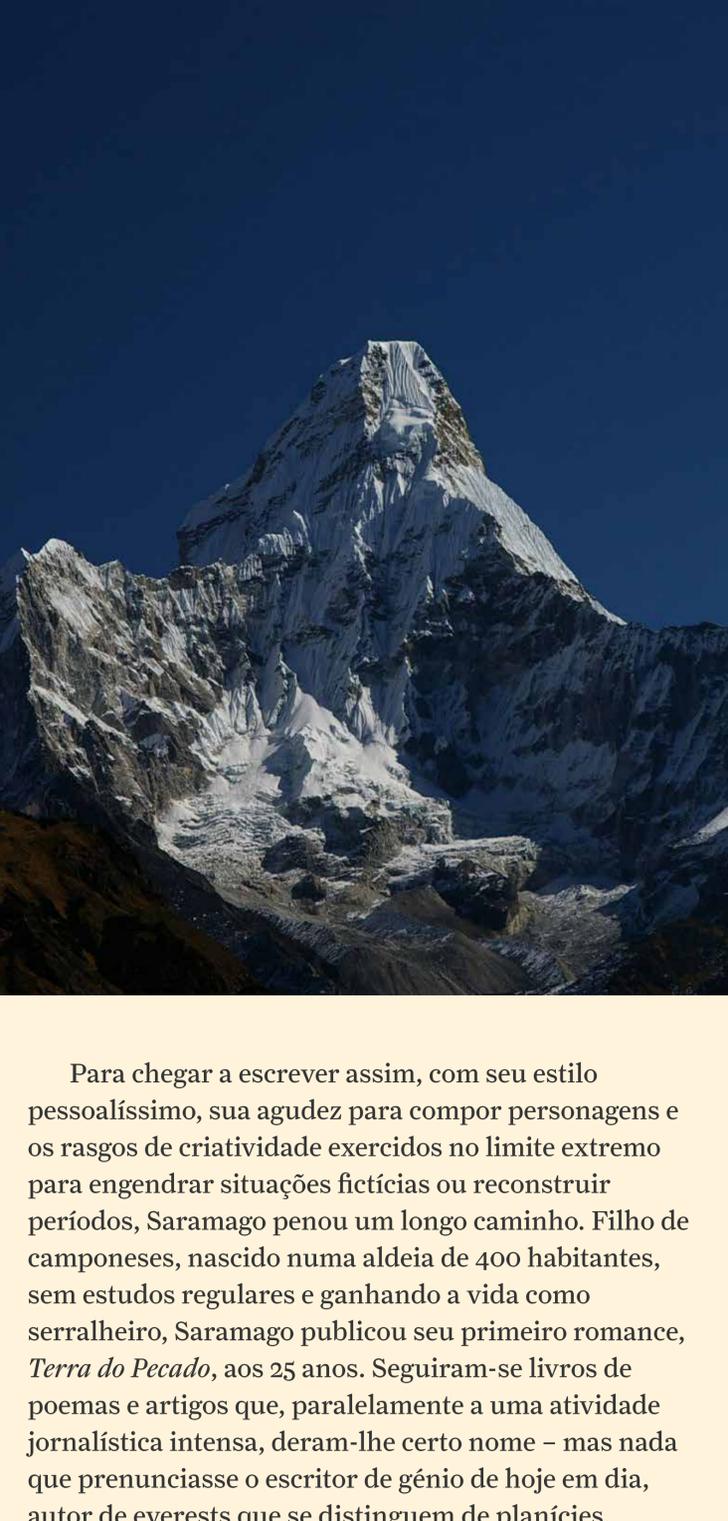
«*Imitemos os persas desta história,  
E enquanto lá por fora,  
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida  
Chamam por nós, deixemos  
Que em vão nos chamem, cada um de nós  
Sob as sombras amigas  
Sonhando, ele e os parceiros, e o xadrez  
A sua indeferença.*»

Não haveria melhor prato, para um escritor que pretendia lançar mão de um personagem alheado e distante e fazê-lo confrontar com a realidade da vida e do mundo, do que esse Ricardo Reis legado por Pessoa. Saramago intoxica-o de notícias de jornal, faz com que os acontecimentos se aproximem, esbarrem nele – e ainda por cima premeia-o com o amor, dividido entre duas mulheres que cruzam sua vida. Nas duas, tanto na criada Lídia quanto na jovem Marcenda que tem o braço esquerdo paralisado e com a mão boa pega a mão inútil «como um animalzinho de estimação», Saramago insufla uma vida poderosa e inescapável.

O resultado não é apenas nasceram dois outros tipos femininos belos e forte, dignos da Blimunda do *Memorial do Convento*. Além disso, o pobre Reis, que já se via confrontado a contragosto com as guerras e as opções políticas, é também tragado pelos desvãos da paixão.

Descrito assim, apenas com base em sua leitura mais imediata e elementar, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* pode parecer um romance de segunda ordem. Que pode haver de mais convencional do que pegar um tipo alienado e confrontá-lo com as realidades do mundo, ainda mais em se tratando de um escritor de formação e militância comunista como Saramago? O segredo, como em tantos outros livros, é a forma como as coisas são inventadas e como são ditas. O segredo é o personagem de tragédia que Ricardo Reis vira nos capítulos finais, um Rei Lear dividido e exangue. No plano oposto, o segredo é o humor de Saramago, como neste trecho em que cação do casamento tantas vezes reiterado, na época salazarista, entre a Igreja e a nação portuguesa:

«Fiados de Deus e Nossa Senhora desde Afonso Henriques à Grande Guerra, esta é a frase que persegue Ricardo Reis depois que voltou de Fátima, não se lembra se a terá lido em jornal ou em livro, se a ouviu em homilia ou discurso, se estaria na propaganda do Bovril, a forma fascina-o tanto quanto o sentido, é um dizer eloquente, estudado para mover os sentimentos e afervorar os corações, receita de sermão, além de ser, por sua expressão sentenciosa, prova irrefutável de que somos um povo eleito, outros houve no passado, outros haverá no futuro, mas nenhum por tanto tempo, oitocentos anos de fiança ininterrupta, de intimidade com as potências celestes, é verdade que chegámos atrasados à construção do quinto império, passou-nos adiante Mussolini, porém não nos escapará o sexto, ou o sétimo, é tudo uma questão de paciência, e essa temo-la nós, de nossa natural natureza.»

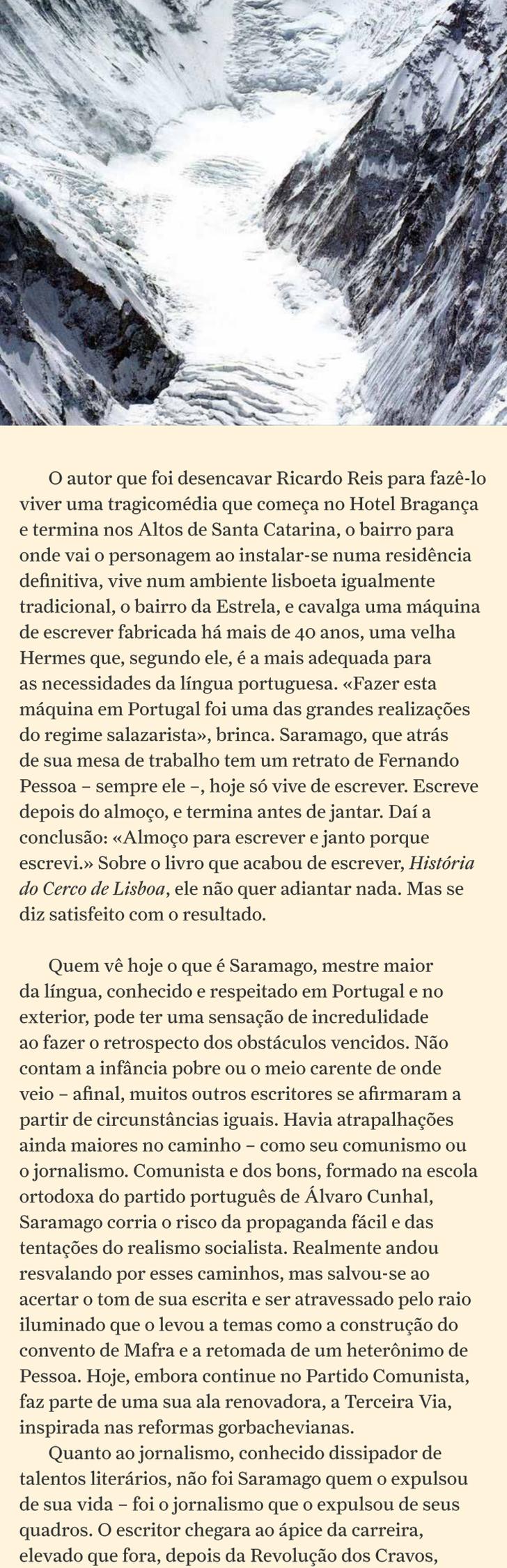


Para chegar a escrever assim, com seu estilo pessoalíssimo, sua agudez para compor personagens e os rasgos de criatividade exercidos no limite extremo para engendrar situações fictícias ou reconstruir períodos, Saramago penou um longo caminho. Filho de camponeses, nascido numa aldeia de 400 habitantes, sem estudos regulares e ganhando a vida como serralheiro, Saramago publicou seu primeiro romance, *Terra do Pecado*, aos 25 anos. Seguiram-se livros de poemas e artigos que, paralelamente a uma atividade jornalística intensa, deram-lhe certo nome – mas nada que prenunciasse o escritor de génio de hoje em dia, autor de everests que se distinguem de planícies.

A grande virada deu-se exatamente quando ele descobriu uma maneira própria de escrever – isso só aconteceu quando já tinha 56 anos e trabalhava no romance *Levantado do Chão*, uma história dos camponeses do Alentejo que cronologicamente, em sua obra, se situa imediatamente antes de *Memorial do Convento*. Saramago contou uma vez, numa entrevista dada a Millor Fernandes, seu admirador, e publicada no *Jornal do Brasil*, como se deu a virada: “Comecei a escrever o livro contrariado, porque não tinha encontrado ainda nada daquilo que queria. Eis que de repente – e este é o momento bonito – eu já estava na vigésima página do livro, triste, quando senti como o livro poderia ser escrito. Percebi que só seria capaz de escrevê-lo se o fizesse como se o contasse. Não passando para a escrita o chamado discurso oral, porque isso é impossível, mas introduzindo na escrita um mecanismo de aparente espontaneidade, aparente invenção instantânea, aparente prolixidade, aparente desorganização do discurso. Digo aparente porque sei o trabalho que me deu fazer de conta de que era tudo assim.»

Nasceu aí o Saramago que se tem hoje – um escritor capaz de arregimentar leitores apaixonados a ponto de procurarem em Portugal os cenários em que se movem seus personagens. O Hotel Bragança, em Lisboa, onde o escritor fez hospedar seu Ricardo Reis – um hotel que existe de verdade –, tem sido procurado frequentemente por essa espécie de turistas literários. Quando eles aparecem e perguntam onde fica o quarto 201 os porteiros já sabem – procuram o quarto em que Saramago acomodou o seu Ricardo Reis. O hotel foi escolhido por Saramago ao cabo de uma de suas inúmeras caminhadas pela cidade. Diz ele que se fixou no Bragança por uma questão de «verosimilhança topográfica» – precisava de um local mais ou menos perto do porto e na parte antiga de Lisboa.

Aos locais descritos por Saramago em seus livros vão admiradores portugueses com estrangeiros. Caso muito especial foi de uma estrangeira que percorreu o Hotel Bragança e depois, não contente, quis conhecer o autor em pessoa. Tratava-se de uma jornalista espanhola de nome Pilar del Río, natural de Sevilha, e o encontro deu em mais do que uma simples entrevista entre escritor e leitora. Pilar del Río é hoje casada com Saramago, condição que acumula com a de correspondente da televisão espanhola em Lisboa. Saramago está no terceiro casamento. Pilar, de 38 anos, é dois anos mais nova do que uma filha biológica que Saramago tem de sua primeira mulher.



O autor que foi desencavar Ricardo Reis para fazê-lo viver uma tragicomédia que começa no Hotel Bragança e termina nos Altos de Santa Catarina, o bairro para onde vai o personagem ao instalar-se numa residência definitiva, vive num ambiente lisboeta igualmente tradicional, o bairro da Estrela, e cavalga uma máquina de escrever fabricada há mais de 40 anos, uma velha Hermes que, segundo ele, é a mais adequada para as necessidades da língua portuguesa. «Fazer esta máquina em Portugal foi uma das grandes realizações do regime salazarista», brinca. Saramago, que atrás de sua mesa de trabalho tem um retrato de Fernando Pessoa – sempre ele –, hoje só vive de escrever. Escreve depois do almoço, e termina antes de jantar. Daí a conclusão: «Almoço para escrever e janto porque escrevi.» Sobre o livro que acabou de escrever, *História do Cerco de Lisboa*, ele não quer adiantar nada. Mas se diz satisfeito com o resultado.

Quem vê hoje o que é Saramago, mestre maior da língua, conhecido e respeitado em Portugal e no exterior, pode ter uma sensação de incredulidade ao fazer o retrospecto dos obstáculos vencidos. Não contam a infância pobre ou o meio carente de onde veio – afinal, muitos outros escritores se afirmaram a partir de circunstâncias iguais. Havia atrapalhões ainda maiores no caminho – como seu comunismo ou o jornalismo. Comunista e dos bons, formado na escola ortodoxa do partido português de Álvaro Cunhal, Saramago corria o risco da propaganda fácil e das tentações do realismo socialista. Realmente andou resvalando por esses caminhos, mas salvou-se ao acertar o tom de sua escrita e ser atravessado pelo raio iluminado que o levou a temas como a construção do convento de Mafra e a retomada de um heterônimo de Pessoa. Hoje, embora continue no Partido Comunista, faz parte de uma sua ala renovadora, a Terceira Via, inspirada nas reformas gorbachevianas.

Quanto ao jornalismo, conhecido dissipador de talentos literários, não foi Saramago quem o expulsou de sua vida – foi o jornalismo que o expulsou de seus quadros. O escritor chegara ao ápice da carreira, elevado que fora, depois da Revolução dos Cravos, a diretor do *Diário de Notícias*, o principal jornal português, quando subitamente foi apanhado no contra-pé por uma das várias idas-e-vindas que atormentaram o processo revolucionário português – o golpe de novembro de 1979. Demitido de seu cargo não lhe restaram alternativas senão viver de traduções e tentar reencetar uma carreira de romancista.

«Agradeço minha demissão», diz hoje Saramago. Foi aí que ele resolver escrever *Levantado do Chão* e encontrou o caminho que desembocaria nas últimas obras-primas.

Os últimos romances de Saramago, em especial *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, podem ser inseridos numa corrente que tem produzido algumas das melhores obras destas últimas décadas na literatura internacional – uma corrente que mistura História e ficção. É o caso de Margueritte Yourcenar, em livros como *A Obra em negro* ou *Memórias de Adriano*, ou do Umberto Eco de *O nome da rosa*. Em especial com *O nome da rosa*, *O Ano da Morte...* tem um parentesco de estrutura que se apoia em duas vigas maiores. Num plano, o livro do escritor italiano é um puro livro de idéias, uma obra na qual a cultura navega em estado bruto e os livros conversam com os livros e os autores com os autores, todos até encerrados concretamente de convento que é um dos principais cenários da história. No outro plano, é um livro invadido pelo atropelo da História, com os acontecimentos do torturado século XIV invadindo febrilmente suas páginas.

Igualmente, no livro de Saramago, distinguem-se esses dois planos. No primeiro deles está a literatura dentro da literatura, representada por Fernando Pessoa e seu heterônimo das odes. No outro, está a história da década de 30 com suas hordas de fanáticos e o radicalismo que desembocaria, na década seguinte, na guerra mais hedionda já experimentada pela humanidade. A presença coincidente das mesmas vigas mestras nas duas obras não representa mais do que uma curiosidade no item do artefato literário. Fora isso Saramago é diferente de Eco no estilo de narrar como na visão do mundo. O que os une é a paixão de ficcionalizar a História, a ponto de afirmar que não apenas a ficção pode ser História, como também a História pode ser ficção: «Para fazer a História», diz ele, «faz-se uma seleção dos fatos, de acontecimentos, de pessoas e de lugares.» Ora, isso é ficção.

Pretendia-se encerrar estas linhas, ainda que mal traçadas, com um novo arremedo do jeito do mestre, um período longo que contivesse, ainda que palidamente imitado, seu modo de fazer as palavras irem e virem, subirem e descerem, no mesmo ritmo que um hindu, ainda que seminu e esqualido, porém hábil em sua flauta, encanta suas serpentes e as faz virem e irem, partirem e voltarem. Melhor cortar e dar a palavra ao próprio autor, deixando ao leitor um convite no ar. A palavra do autor é no trecho em que descreve a chegada de Ricardo Reis ao hotel e o momento em que preenche sua ficha na recepção. «nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede, viajou pelo Highland Brigade, parece o princípio de uma confissão, duma autobiografia íntima, tudo o que é oculto se contém nesta linha manuscrita, agora o problema é descobrir o resto, apenas.» O convite ao leitor é que vá ao livro e também descubra o resto.

*Foi mantida a grafia original do texto*

# Natan Barreto Doce e amargo Saramago

*Doce e amargo Saramago,  
senhor de si, tantos cantos,  
chega o seu fim, vasto, vago –  
mais um José, como tantos.*

*Todos, Josés levantados  
do chão (do seu fundo ao fora).  
Nascendo, estamos fadados  
ao não da última hora.*

*Mas pode ser longo e largo  
o tempo, estrada do ser:  
na alma e na carne, o encargo  
de muitos eus a morrer.*

*É para que o homem seja  
que some nele o menino.  
E é para que o velho veja  
que o homem dá-se ao destino.*

*Sem ensaios, segue e acende  
luz no túnel-existência.  
Deixa que assim se desvende  
a vida, o vazio, a essência.*

*Até que acabe calado,  
como se nada já fosse –  
além de saber-se amado,  
alheio ao amargo e ao doce.*

*Doce e amargo Saramago,  
senhor de si, tantos cantos,  
chega o seu fim, vasto, vago –  
mais um José, como tantos.*

*Todos, Josés já deitados  
no chão (do fora ao seu fundo)  
–  
fogos que jazem apagados  
em cinzas que esquece o  
mundo.*

Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands**  
**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



março



## Até 24 Abril *Naked Lunch*

Exposição de Miguel Branco que reúne várias representações da morte, tal como retratadas na pintura e na escultura gótica e do alto renascimento nórdico, recriadas em inesperadas encenações. Lisboa, Galeria Pedro Cera. ▶



## Até 28 Abril *Bordalo e a Arqueologia*

Exposição que apresenta reproduções dos desenhos realizados pelo artista Rafael Bordalo Pinheiro a propósito do IXº Congresso da União internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-Históricas que teve lugar em Lisboa no ano 1880. Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro. ▶

## Até 28 Abril *Lumínic*

Primeira edição de um novo festival de fotografia, dedicado aos grandes formatos e à fotografia de autor. Barcelona, vários lugares. ▶



WELCOME TO ESPAIN, JORDI BERNADO

## Até 5 Maio *Alter*

Percurso de Joaquín Rodríguez pelas máscaras que nos foram escondendo o rosto ao longo dos tempos, dos clássicos gregos ao V For Vendetta. Madrid, La Fiambrera. ▶



## Até 5 Maio *Soños*

Exposição de trabalhos do fotógrafo galego Miguel Vidal, com o corpo humano e a intimidade como tema comum. Porto, Centro Português de Fotografia. ▶



## Até 30 Junho *Mulheres na Coleção MAR*

Em parceria com o Festival Mulheres do Mundo (Women of the World), uma exposição de trabalhos de cento e cinquenta artistas brasileiras que integram as colecções do museu. Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio. ▶

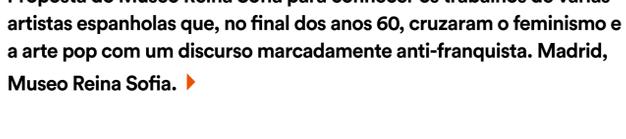
## 6 Abril *Patapatúm*

Espectáculo pensado para os mais novos, com uma forte componente plástica e musical, em torno da relação entre pais e filhos. Santiago de Compostela, Teatro Principal. ▶



## 20 Abril *Queima e Rebentamento do Judas*

Mais uma edição da tradicional Queima do Judas, transformada em espectáculo comunitário pelo Trigo Limpo teatro ACERT. Tondela, Pavilhão Municipal. ▶



## Permanente *Fuera del canon. Las artistas Pop en España*

Proposta do Museo Reina Sofia para conhecer os trabalhos de várias artistas espanholas que, no final dos anos 60, cruzaram o feminismo e a arte pop com um discurso marcadamente anti-franquista. Madrid, Museo Reina Sofia. ▶

***Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espectáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos***

**O Ano da Morte de Ricardo Reis**